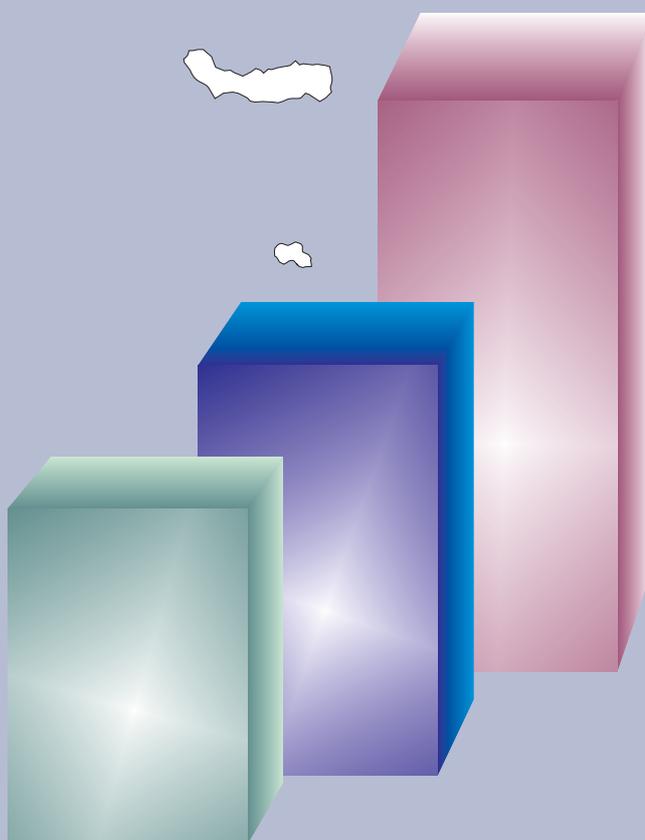
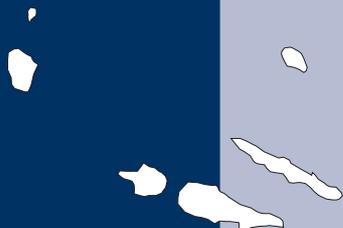




REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
Vice-Presidência do Governo, Emprego e Competitividade Empresarial
Direção Regional do Planeamento e Fundos Estruturais

Situação Socioeconómica 2014



novembro

15/2015

ÍNDICE

| | Pág. |
|-------------------------------------|------|
| Introdução | 5 |
| 0. Contas Regionais..... | 7 |
| 1. População | 11 |
| 2. Mercado de Trabalho | 15 |
| 3. Preços no Consumidor | 19 |
| 4. Moeda e Crédito..... | 21 |
| 5. Finanças Públicas | 25 |
| 6. Agricultura | 29 |
| 7. Pescas..... | 35 |
| 8. Energia..... | 39 |
| 9. Comércio com o Estrangeiro | 43 |
| 10. Turismo | 45 |
| 11. Transportes | 49 |
| 12. Educação | 53 |
| 13. Desporto..... | 57 |
| 14. Cultura | 59 |
| 15. Saúde..... | 61 |
| 16. Segurança Social | 65 |
| 17. Sociedade da Informação | 69 |

INTRODUÇÃO

O Presente documento visa proporcionar uma panorâmica da realidade económica e social da Região Autónoma dos Açores.

Para o efeito apresenta-se informação quantificada relevante e disponível e, sempre que possível, a análise da evolução recente dos diversos domínios e sectores tratados.

Esta publicação está disponível no site:

www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/vp-drpfe/

DRPFE, novembro de 2015

0. CONTAS REGIONAIS

A nova série de contas regionais incorpora mudanças que decorrem de alterações no Sistema Europeu de Contas (SEC), para além do processo corrente de atualizações a partir das últimas informações de carácter estrutural.

Entre as principais alterações metodológicas resultantes do SEC 2010 destacam-se novas regras de registo das “entidades com fins específicos” (Special Purpose Entities – SPE) e de classificação de despesas.

Estas alterações implicaram revisões do PIB na generalidade das regiões e nos volumes agregados de investimento que passaram a incluir despesas de investigação e desenvolvimento e de funções militares, antes consideradas como custos de exploração.

Globalmente, as atividades económicas vêm assegurando o posicionamento da RAA no contexto do país, sendo compreensivelmente também condicionadas por dinâmicas nacionais no âmbito de economias de maior dimensão, nomeadamente das europeias.

O valor preliminar de 3 731 milhões de euros do PIB nos Açores, em 2014, representou um crescimento nominal de 1,8% e em termos reais de 1,0% superior à variação registada a nível nacional.

Por sua vez, a riqueza média, medida pelo índice *per capita*, tem mantido uma posição estável no contexto do país durante os últimos anos, concretamente no índice de 91, mas em relação à UE 28 mostrou um reposicionamento positivo em 2013, registando um índice em paridades de poder de compra de 72, face a outro de 70 no ano anterior.

Produto Interno Bruto – (Base 2011), a preços de mercado

Unid.: Milhões de Euros

| | Açores | País | Açores/País % | PIB per capita (mil euros) | PIB per capita (País=100) | PIB per capita PPC (UE28=100) |
|--------|--------|---------|---------------|----------------------------|---------------------------|-------------------------------|
| 2008 | 3 761 | 178 873 | 2,10 | 15,3 | 90 | 71,0 |
| 2009 | 3 729 | 175 448 | 2,13 | 15,1 | 91 | 74,0 |
| 2010 | 3 836 | 179 930 | 2,13 | 15,5 | 91 | 74,0 |
| 2011 | 3 760 | 176 167 | 2,13 | 15,2 | 91 | 71,0 |
| 2012 | 3 610 | 168 398 | 2,14 | 14,6 | 91 | 70,6 |
| 2013 | 3 663 | 170 269 | 2,15 | 14,8 | 91 | 70,3 |
| 2014Pe | 3 731 | 173 446 | 2,15 | 15,1 | 91 | 70,8 |

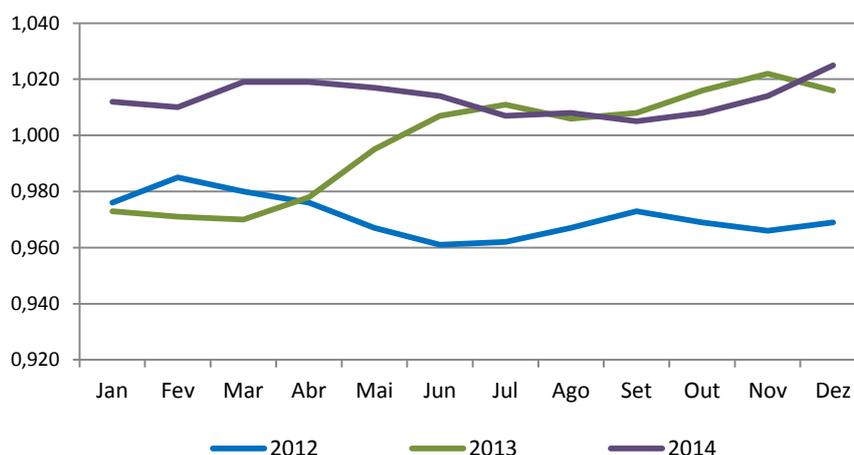
Pe = Resultados preliminares.

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2011).

O SREA divulgou, pela primeira vez, em 2012, o Indicador de Atividade Económica. Trata-se de um indicador que procura captar a “tendência de evolução dominante de diversas variáveis económicas” mais correlacionadas com a evolução das atividades económicas em termos de cálculo do Valor Acrescentado Bruto regional.

Assim, os elementos para os últimos três anos apontam no sentido de a atividade no ano de 2013 representar uma progressão em termos de evolução de um dado nível em 2012 para outro mais elevado em 2014. Em termos de evolução de conjuntura os dados corresponderão a uma imagem comparável à de uma fase cíclica de recuperação.

Indicador de Atividade Económica (IAE)



Segundo os dados mais recentes, o VAB regional a preços correntes atingiu um valor de 3 263 milhões de euros representando um acréscimo de 1,2% em relação ao ano anterior. Observando os dados por atividades, notam-se variações nos diversos ramos que deixam transparecer, simultaneamente, uma linha de evolução geral e diferenças de intensidade associáveis a aspetos mais específicos de condições produtivas sectoriais.

Em termos gerais é possível delimitar uma fase inicial de crescimento que começou a revelar sinais de moderação por volta do ano de 2008, entrando posteriormente em quebras de produção.

Este tipo de trajeto de evolução é observável de forma expressiva nos ramos de construção e de finanças e seguros que, depois de terem atingido valores máximos em 2008, entraram em regressão com decréscimos nominais significativos.

O ramo de Administrao e Serviços Públicos diferencia-se por um certo desfasamento temporal, enquanto Indústrias, gua e Saneamento e, também, Agricultura e Pesca destacam-se por níveis de produo econmica acrescidos, seja em termos absolutos, seja em relao às outras atividades.

VAB por Ramos de Atividades Econmicas

Preços Correntes

Unid.: 10⁶ euros

| | Total | Agricultura e Pesca | Indústrias gua Saneamento | Construo | Comércio Transportes Alojamento Restaurao | Informao Comunicao | Finanças Seguros | Imobiliário | Técnico Científico Apoio Adm. | Administrao Serviços Pb | Outros Serviços |
|---------|---------|---------------------|----------------------------|-----------|--|----------------------|------------------|-------------|-------------------------------|---------------------------|-----------------|
| 2000 | 2 127,0 | 239,90 | 154,84 | 166,46 | 495,85 | 49,22 | 79,63 | 180,89 | 71,88 | 638,18 | 50,10 |
| 2001 | 2 338,2 | 240,90 | 161,85 | 204,95 | 551,00 | 56,76 | 95,97 | 186,84 | 78,30 | 710,00 | 51,64 |
| 2002 | 2 510,5 | 254,41 | 179,26 | 213,41 | 598,11 | 57,32 | 91,83 | 208,47 | 83,93 | 762,61 | 61,13 |
| 2003 | 2 607,8 | 256,24 | 190,73 | 203,02 | 630,59 | 60,20 | 104,13 | 225,95 | 91,91 | 783,98 | 61,08 |
| 2004 | 2708,4 | 264,59 | 200,55 | 216,21 | 661,24 | 59,46 | 100,48 | 237,10 | 96,79 | 812,38 | 59,57 |
| 2005 | 2 830,4 | 265,66 | 213,34 | 210,61 | 695,02 | 63,30 | 109,58 | 258,61 | 104,80 | 845,62 | 63,90 |
| 2006 | 2 962,2 | 260,76 | 229,39 | 215,75 | 731,97 | 68,32 | 133,47 | 271,15 | 108,40 | 871,92 | 71,08 |
| 2007 | 3 124,6 | 239,05 | 253,86 | 239,49 | 761,97 | 70,98 | 140,08 | 292,73 | 116,72 | 927,06 | 82,65 |
| 2008 | 3 279,4 | 264,06 | 257,91 | 252,03 | 785,20 | 74,31 | 160,01 | 323,99 | 123,17 | 942,82 | 95,88 |
| 2009 | 3 304,7 | 261,78 | 262,32 | 224,54 | 803,78 | 65,93 | 139,47 | 341,98 | 114,90 | 991,25 | 98,74 |
| 2010 | 3 374,5 | 273,06 | 280,83 | 204,33 | 830,27 | 61,44 | 125,70 | 372,58 | 120,71 | 1 004,52 | 101,05 |
| 2011 | 3 291,7 | 275,04 | 272,82 | 189,52 | 801,82 | 66,90 | 118,18 | 374,07 | 117,69 | 970,81 | 104,90 |
| 2012 Pe | 3 181,1 | 293,96 | 273,67 | 153,13 | 799,82 | 64,17 | 111,72 | 393,42 | 113,49 | 874,97 | 102,76 |
| 2013 Pe | 3 246,3 | 303,66 | 283,89 | 133,98 | 828,90 | 61,86 | 90,67 | 411,84 | 113,15 | 914,63 | 103,77 |

Pe: Resultados preliminares.

Fonte: INE. Contas Regional (base 2011).

Os dados sobre a distribuo por ramos da FBCF correspondem a uma série temporal mais curta do que a anteriormente apresentada para o VAB segundo as atividades, não permitindo a elaborao de qualquer paralelo em termos de trajetórias e variaoes de crescimento.

Entretanto, os elementos disponíveis apontam no sentido de um peso estrutural significativo, mas relativamente volátil, do ramo de Comércio, Transportes, Alojamento e Restaurao, que atinge proporoes a variar entre 20% e 40% dos totais de investimentos anuais.

Já o ramo de Administrao e Serviços Públicos evidencia-se mais por uma maior estabilidade, situando-se  volta de 1/4 do total de investimento.

Ramos associáveis a indústrias e atividades do sector primário (agricultura e pescas) distinguiram-se pela capacidade de progressão apesar do ambiente condicionante de retrao econmica mais geral.

FBCF - Formação Bruta de Capital Fixo

Unid.: milhões de Euros

| | Total | Agricultura e Pesca | Indústrias Água Saneamento | Construção | Comércio Transportes Alojamento Restauração | Informação Comunicação | Finanças Seguros | Imobiliário | Técnico Científico Apoio Adm. | Administração Serviços Púb | Outros Serviços |
|------|---------|---------------------|----------------------------|------------|---|------------------------|------------------|-------------|-------------------------------|----------------------------|-----------------|
| 2000 | 901,6 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 2001 | 962,8 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 2002 | 995,3 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 2003 | 1 123,1 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 2004 | 979,2 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 2005 | 1 242,3 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 2006 | 850,5 | 17,9 | 116,3 | 34,6 | 253,1 | 24,7 | 33,3 | 139,9 | 29,4 | 193,1 | 8,2 |
| 2007 | 1 055,8 | 33,7 | 116,2 | 52,4 | 415,8 | 27,9 | 19,7 | 150,8 | 46,2 | 180,2 | 13,0 |
| 2008 | 1 027,5 | 20,2 | 119,4 | 28,4 | 373,1 | 52,3 | 31,0 | 128,6 | 23,2 | 230,6 | 20,9 |
| 2009 | 968,3 | 25,1 | 176,6 | 19,0 | 184,3 | 49,3 | 20,3 | 124,5 | 73,2 | 279,6 | 16,3 |
| 2010 | 868,6 | 39,9 | 145,6 | 16,1 | 200,9 | 50,3 | 11,1 | 98,4 | 74,1 | 220,8 | 11,5 |
| 2011 | 689,6 | 40,3 | 107,5 | 8,1 | 154,3 | 35,9 | 6,9 | 112,4 | 29,3 | 180,5 | 14,5 |

Fonte: INE. Contas Regional (base 2011).

Entre os Rendimentos Primários Brutos obtidos pelos agentes económicos nos processos produtivos e os rendimentos disponíveis respetivos, observam-se variações que decorrem de saldos de impostos, contribuições sociais, prestação sociais e outras transferências.

Nos anos da série apresentada no quadro abaixo, verifica-se que foram mais frequentes as situações favoráveis aos rendimentos disponíveis, mas em intervalos de variação que não ultrapassaram o limite de 2,8%.

Rendimentos

Unidade: Milhões de euros

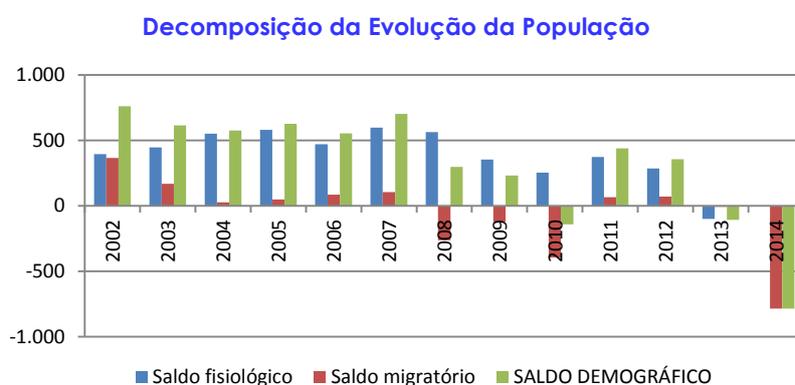
| | Rendimento Primário Bruto | Rendimento Disponível Bruto |
|------|---------------------------|-----------------------------|
| 2000 | 1 909,4 | 1 994,6 |
| 2001 | 2 057,2 | 2 109,6 |
| 2002 | 2 215,4 | 2 213,4 |
| 2003 | 2 271,9 | 2 260,8 |
| 2004 | 2 424,3 | 2 396,3 |
| 2005 | 2 564,4 | 2 555,7 |
| 2006 | 2 717,2 | 2 731,7 |
| 2007 | 2 776,3 | 2 810,7 |
| 2008 | 2 950,6 | 2 991,9 |
| 2009 | 2 944,4 | 2 990,6 |
| 2010 | 2 961,3 | 3 023,3 |
| 2011 | 2 862,1 | 2 942,3 |

Fontes: INE. Contas Regionais (base 2011).

1. POPULAO

As estimativas do INE apontam para um total de 246 650 pessoas com residência na RAA no final do ano de 2014.

Este volume de populao representa um decréscimo de populao de 0,3% em relao ao ano anterior e decorre de variao no saldo migratório, já que o saldo fisiológico registou um contributo nulo.



Efetivamente, o número de óbitos igual ao de nados-vivos, implica um saldo fisiológico nulo e, conseqüentemente, também o seu contributo para a evoluo geral.

Evoluo das Componentes dos Saldos Fisiológicos

| | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|---------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Nados vivos.. | 2 847 | 2 836 | 2 786 | 2 719 | 2 748 | 2 488 | 2 341 | 2 316 |
| bitos..... | 2 250 | 2 274 | 2 433 | 2 466 | 2 375 | 2 204 | 2 443 | 2 316 |

Fonte: INE, SREA.

A natalidade na RAA situa-se a um nível superior ao registado no conjunto do país. Todavia, tem vindo a reduzir-se em relao à dimensão que atingiu em anos anteriores e, também, em relao à mortalidade.

Desta forma tem vindo a reduzir o seu contributo tradicionalmente positivo para a evolução demográfica. O ano passado ficou marcado como o da primeira interrupção daquela evolução tradicional.

Mortalidade e Natalidade

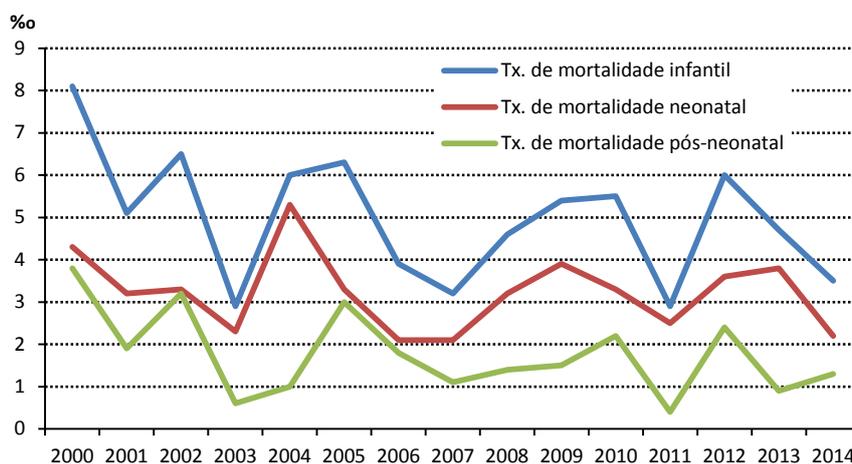
| | ‰ | |
|--------------------------------|--------|----------|
| | Açores | Portugal |
| Tx. bruta de mortalidade | 9,4 | 10,1 |
| Tx. bruta de natalidade | 9,4 | 7,9 |

Fonte: INE, SREA.

Em 2014, a taxa de mortalidade infantil de 3,5‰ representa um decréscimo em relação ao ano anterior.

Este decréscimo registou-se na sequência da quebra registada na mortalidade neonatal, tendo a mortalidade pós neonatal (óbitos de crianças com 28 dias a 1 ano de vida) registado um valor algo superior ao do ano anterior.

Mortalidade Infantil



As variações e tendências demográficas anteriores acabam por refletir-se na estrutura etária da população residente.

O nico grupo da populao que cresceu foi o compreendido na faixa etária de 65 e mais anos.

A faixa etária até 15 anos perdeu alguma representatividade, enquanto a faixa etária de 15-64 anos, manteve praticamente o seu peso relativo, atingindo 69,9% do total.

Estrutura Etária da Populao

| | % | | | | | | | |
|------------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
| Populao com menos 15 anos | 19,1 | 18,8 | 18,6 | 18,3 | 17,9 | 17,5 | 17,2 | 16,8 |
| Populao dos 15-64 anos | 68,5 | 68,8 | 69,1 | 69,2 | 69,2 | 69,5 | 69,8 | 69,9 |
| Populao com mais de 64 anos | 12,4 | 12,4 | 12,3 | 12,5 | 12,9 | 13,0 | 13,0 | 13,2 |

Fonte: INE.

No ano de 2014, o número de 803 casamentos voltou a representar um decréscimo em relao ao ano anterior.

Sobre divórcios e separaoes estão disponíveis dados até 2013, tendo-se registado também decréscimos de divórcios nesse ano, enquanto as separaoes ocorreram em 7 casos.

Nupcialidade

| | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|------------------|-------|-------|-------|-------|-------|------|------|------|
| Casamentos | 1 304 | 1 345 | 1 207 | 1 214 | 1 023 | 944 | 855 | 803 |
| Divórcios | 749 | 771 | 787 | 743 | 768 | 728 | 685 | nd |
| Separaoes | 2 | 7 | 8 | 3 | 9 | 6 | 7 | nd |

nd : não disponível

Fonte: SREA.

2. MERCADO DE TRABALHO

Emprego

A evolução recente do mercado de trabalho mostra para o ano de 2014 um acréscimo significativo do emprego, seja pela intensidade da taxa média anual de variação, de 2,3%, seja pela inversão que poderá representar em termos de ciclo económico.

Em 2014, o acréscimo de emprego repercutiu-se numa melhoria do nível de atividade, retirando da situação de desempregados elementos de população em idade ativa e favorecendo condições de reequilíbrios demográficos.

Condição da População Perante o Trabalho

| | Nº Indivíduos | | | | |
|---------------------------------|---------------|---------|---------|---------|---------|
| | 2010 | 2011* | 2012* | 2013* | 2014* |
| População total | 245.929 | 246.095 | 249.463 | 246.352 | 247.535 |
| População Ativa..... | 118 424 | 120 591 | 120 640 | 119 838 | 121.583 |
| Empregada..... | 110 286 | 106 743 | 102 221 | 99 459 | 101.768 |
| Desempregada..... | 8 139 | 13 848 | 18 419 | 20 380 | 19.815 |
| Tx. de Atividade (%)..... | 48,2 | 49,0 | 48,9 | 48,6 | 49,1 |
| Tx. de Atividade Feminina (%) . | 38,8 | 41,1 | 40,5 | 41,6 | 43,1 |
| Tx. de Desemprego (%)..... | 6,9 | 11,5 | 15,3 | 17,0 | 16,3 |

*Nova série.

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

Em 2014, a população inativa voltou a decrescer. Para esta evolução contribuíram, além dos elementos de ocupação doméstica tradicionalmente já conhecidos, outros elementos como os estudantes que nos anos mais recentes também têm registado decréscimos.

Apenas o grupo de reformados voltou a registar um acréscimo.

Populao Inativa

N Indivíduos

| | 2010 | 2011* | 2012* | 2013* | 2014* |
|------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Populao Inativa | 127 505 | 125 504 | 125 823 | 126 514 | 125 951 |
| Estudantes | 18 902 | 19 313 | 21 151 | 20 537 | 20 368 |
| Domésticos | 28 701 | 22 861 | 20 547 | 18 183 | 17 947 |
| Reformados..... | 25 532 | 16 890 | 15 427 | 16 700 | 18 669 |
| Outros Inativos | 54 370 | 66 440 | 68 698 | 71 097 | 68 967 |

*Nova série.

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

O acréscimo de emprego distribuiu-se pelos diversos sectores, registando crescimentos médios anuais desde 9,9% no secundário até 0,7% no primário.

A intensidade de crescimento no secundário permitiu-lhe um reforço da sua representatividade, que se situou em 15,5%, enquanto no ano anterior fora de 14,5%. Para esta evoluo contribuíram diversos ramos, mas assinala-se o caso da construo que registou o primeiro ano com variao positiva desde a crise a partir de 2008.

O terciário caracterizou-se por maior estabilidade, nomeadamente por serviços como os de administrao e de saúde e ao social, mas outros, como particularmente o do ensino, têm vindo a registar decréscimos.

Populao Ativa Empregada por Setores de Atividade

%

| | 2010 | 2011* | 2012* | 2013* | 2014* |
|------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Sector Primário..... | 11,3 | 12,7 | 14,3 | 12,9 | 12,7 |
| Sector Secundário..... | 23,8 | 19,9 | 15,9 | 14,5 | 15,5 |
| Sector Terciário | 64,9 | 67,4 | 69,8 | 72,6 | 71,8 |
| Total..... | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

* Nova série.

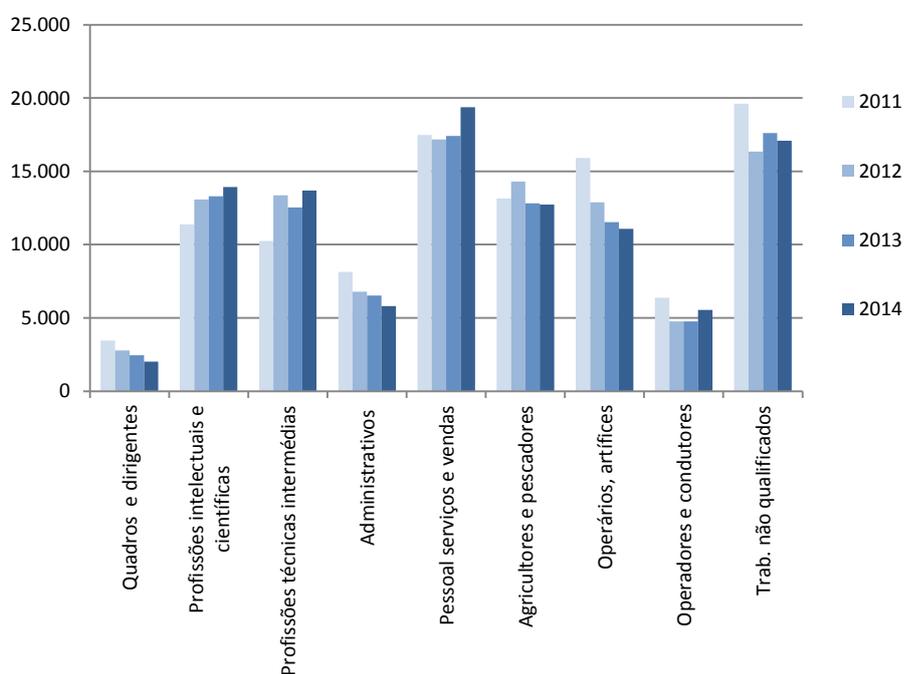
Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

O aumento de emprego continuou no sentido da tendência de alargamento e consolidao de profissões de maior exigência, complexidade e responsabilidade como as intelectuais/científicas e

técnicas intermédias, em contraposio a categorias como as de operários e trabalhadores não qualificados.

Ainda entre as principais categorias, por maior representatividade em termos de emprego, destaca-se em particular a de pessoal de serviços e vendas pelo crescimento atingido em 2014, face aos anos imediatamente anteriores.

Populao Ativa Empregada, por Profissão



O mercado de trabalho açoriano apresenta aspetos de participao dos recursos humanos com níveis comparáveis aos registados na sociedade portuguesa em geral e no conjunto de países da União Europeia, como  revelado pelos dados relativos a taxas de atividade.

Todavia, haverá fatores de organizao e estrutura que revelam maiores diferenças, como o caso de distribues relativas aos níveis de escolaridade completos.

Elementos de Estrutura, 2014*

| | Açores | Portugal | UE (27 países) |
|------------------------------------|---------------|-----------------|-----------------------|
| Taxa de Atividade | | | |
| Total | 49,1 | 50,3 | 48,7 |
| Homens | 55,4 | 54,4 | 54,3 |
| Mulheres..... | 43,1 | 46,6 | 43,5 |
| Nível de Escolaridade Completo (%) | | | |
| Até ao básico, 3º ciclo | 67,1 | 52,1 | 20,0 |
| Secundário | 18,1 | 24,0 | 49,0 |
| Superior | 14,9 | 23,9 | 31,0 |

*Nova série. Os dados da UE (27 países) referem-se ao ano de 2012.

Fontes: SREA / INE e Eurostat.

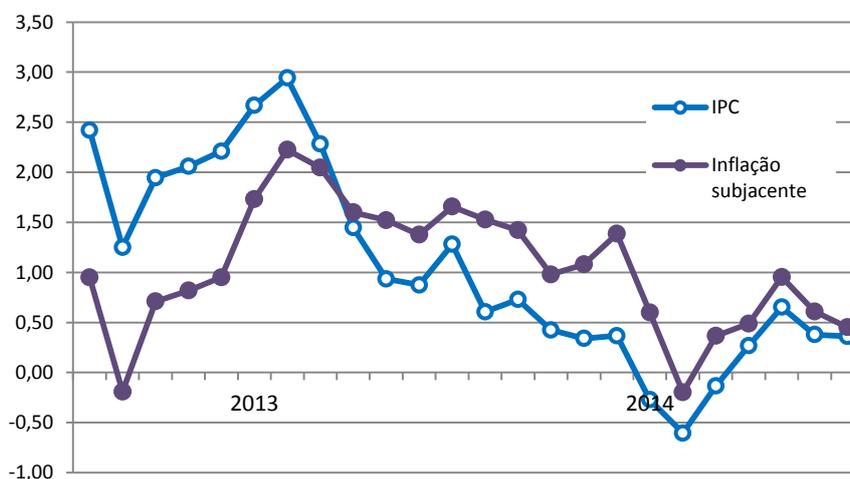
3. PREÇOS NO CONSUMIDOR

O Índice de Preços no Consumidor continua a revelar uma tendência de desaceleração, sendo a taxa média anual em 2014 de apenas 0,3%, comparada à de 1,9% registada no ano anterior.

A inflação subjacente – excluindo do cabaz de consumo final os produtos energéticos e alimentares não transformados – situou-se em 2014 a um nível relativamente superior ao da inflação geral, mas manteve-se também dentro de uma linha de desaceleração.

A tendência de desaceleração da inflação integra-se na lógica de formação de preços por via de importações, mas, também, é compaginável com efeitos do processo recessivo pós-crise de 2008. Todavia, uma observação aos dados do período intra-anual suscita a questão de aproximação ao limite inferior da tendência, ou mesmo de eventual inversão, já que se registaram taxas de variação negativas a meados do ano.

Evolução intra-anual de Preços no Consumidor
(taxas de variação homólogas)
(base 2012)



Considerando as variações de preços, segundo as diversas classes de despesa, observa-se uma dispersão significativa de situações, indo desde taxas negativas a taxas positivas, relativamente elevadas.

Serão os casos que vão desde produtos mais sujeitos a concorrência externa e/ou integrados em circuitos de produção internacional, até produtos submetidos a elevada carga fiscal no interior do país, passando por outros, com variações mais equilibradas, beneficiando particularmente de reduções em custos de energia.

Variação e Contribuição por Classes de Despesa, em 2014

Unidade: %

| Classes | Varição de preços | Ponderadores (peso) | Contribuição |
|---|-------------------|---------------------|--------------|
| 1. Alimentares e Bebidas não Alcoólicas..... | -1,5 | 27,7 | -0,4 |
| 2. Bebidas Alcoólicas e Tabaco | 4,3 | 5,2 | 0,2 |
| 3. Vestuário e Calçado | -5,0 | 6,1 | -0,3 |
| 4. Habitação., Água, Eletricidade, Gás e Outros Combustíveis .. | 3,3 | 8,4 | 0,3 |
| 5. Acessórios, Equip. Domést. e Manut. Corrente da Habitação | 1,8 | 5,9 | 0,1 |
| 6. Saúde..... | 1,0 | 8,6 | 0,1 |
| 7. Transportes | 0,2 | 13,7 | 0,0 |
| 8. Comunicações..... | 2,2 | 4,7 | 0,1 |
| 9. Lazer, Recreação e Cultura | 0,9 | 4,5 | 0,0 |
| 10. Educação | 0,9 | 0,9 | 0,0 |
| 11. Hotéis, Cafés e Restaurantes | 1,3 | 6,3 | 0,1 |
| 12. Bens e Serviços Diversos..... | 0,0 | 8,1 | 0,0 |
| Total | 0,3 | 100,0 | 0,3 * |

*Total não corresponde ao somatório das parcelas, por efeitos de arredondamentos e escala numérica.

Fonte: SREA.

4. MOEDA E CRÉDITO

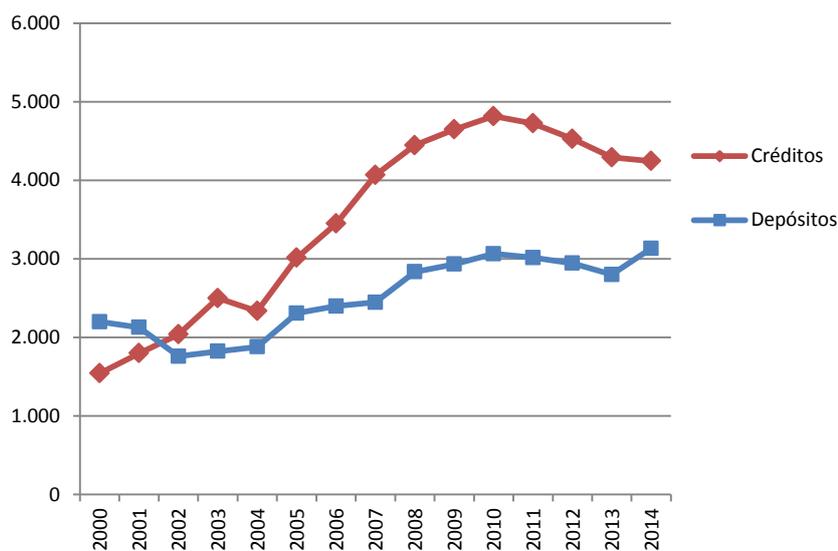
Um total de 3 133 milhões de euros de depósitos foram captados pelos bancos com atividade na Região Autónoma dos Açores em 2014, através das respetivas redes de balcões distribuídas pelo arquipélago.

Já os créditos concedidos sob a forma de empréstimos aos diversos agentes econmicos, no mesmo ano, totalizaram 4 245 milhões de euros.

Estes dados de 2014, face a tendências anteriores, mais concretamente às trajetórias iniciadas depois de 2010, apontam no sentido de mudanças de intensidade e mesmo de direco.

Depósitos e Créditos

(milhões de euros)



Esta evoluo decorre sobretudo do aumento dos depósitos, que cresceram mais de 11%, tendo a variao de créditos concedidos apenas registado uma desacelerao.

Sendo assim, calcula-se para 2014 um rácio de transformao (créditos/depósitos) de 135,5%, prosseguindo e reforçando, a orientao de aproximar o nível de endividamento ao de poupança disponível.

Depósitos e Créditos Bancários

10⁶ Euros

| Evoluções | Depósitos | Créditos ¹⁾ | Créditos/Depósitos (%) |
|--------------------------------|-----------|------------------------|------------------------|
| Absoluta | | | |
| 2010 | 3 065 | 4 816 | 157,1 |
| 2011 | 3 015 | 4 728 | 156,7 |
| 2012 | 2 945 | 4 527 | 153,7 |
| 2013 | 2 799 | 4 291 | 153,3 |
| 2014 | 3 133 | 4 245 | 135,5 |
| Relativa Nominal (Δ %) | | | |
| 2010 | +4,6 | +3,7 | |
| 2011 | -1,6 | -1,9 | |
| 2012 | -2,3 | -4,1 | |
| 2013 | -5,0 | -5,2 | |
| 2014 | +11,9 | -1,1 | |

1) Não inclui crédito titulado.

Fonte: Banco de Portugal, Boletim Estatístico, www.bportugal.pt.

Depósitos

O crescimento dos depósitos será associável a elementos de alguma recuperação financeira, mais por efeitos de confiança e rendimento disponível de aforradores, até porque a capacidade de remuneração pelos bancos em termos de taxas de juro passivas não mostrou sinais evidentes de ultrapassar os condicionamentos existentes.

Este fenómeno aparenta um âmbito global em termos de economia do país, mas mostra registos com intensidade relativamente mais evidente a nível da Região Autónoma dos Açores.

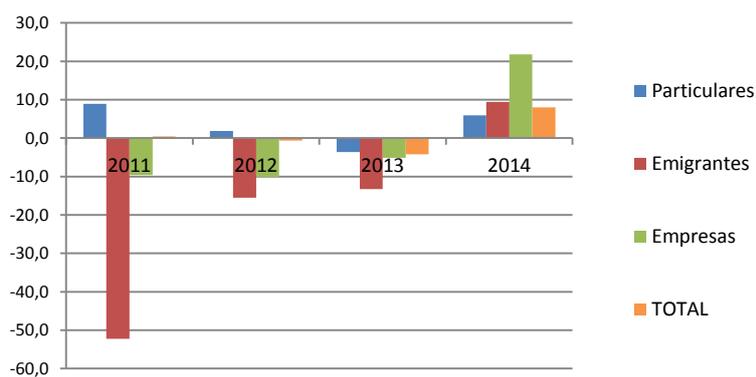
Observando mais em pormenor a evolução recente, o ano de 2014 surge aparentemente como o de confirmação de um processo a envolver diversos tipos de aforradores.

Desde os residentes no país, cujo comportamento é mais condicionador da evolução geral, nomeadamente pela representatividade que atingem em termos de volume total, até aos residentes no estrangeiro que, além de razões de confiança e rendibilidade financeira na economia do país, estão

também sujeitos a outros riscos, como os de ordem cambial. De qualquer forma, apesar de diferenças de dimensão e de características de interesses, todos materializaram variações positivas em 2014, face ao histórico anterior.

Depósitos bancários por aforradores

(Taxa de variação média anual)



Créditos

O desacelerar do volume de créditos concedidos, traduz-se numa taxa média anual de -1,1% em 2014, face a -5,2% no ano anterior.

Estas variações comparam às de -7,9% em 2014, face a -5,0% também no ano anterior, quando se considera o conjunto do país.

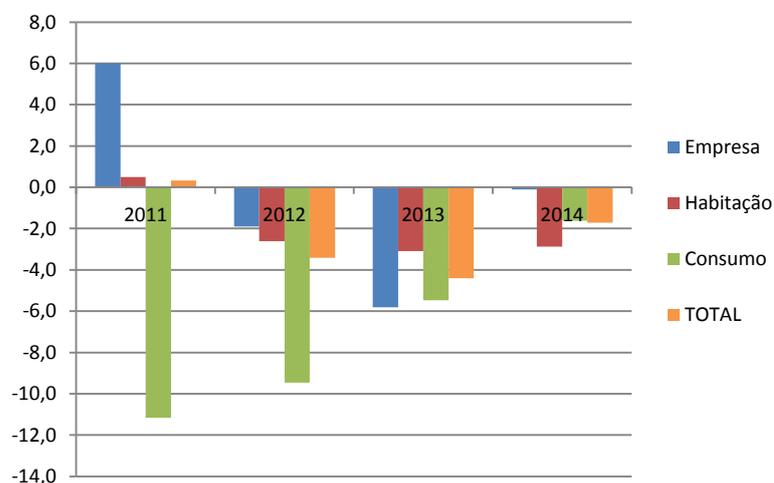
A distribuição dos créditos segundo os agentes económicos mostra que os empréstimos às famílias para habitação, seja pela representatividade em termos de volume, seja pela sua extensão em termos de prazo, apresentam variações mais próximas do agregado total e, também, mais regulares e moderadas.

Empréstimos a famílias para consumo mais sensíveis a condicionantes e a restrições financeiras, mas também mais passíveis de correção a prazo curto.

Empréstimos a empresas com trajetória aparentemente mais cíclica, com flutuações entre pontos de inversão, máximos e mínimos, mais delineáveis.

Créditos Concedidos a Agentes Económicos

(Taxa de variação média anual)



Distribuição territorial

Na sequência do descrito, sobre a evolução de poupança em termos de depósitos e, por outro lado, sobre investimentos em termos de créditos concedidos, conclui-se que o desempenho geral dos bancos com atividade na Região Autónoma dos Açores prosseguiu uma certa consolidação do seu posicionamento no conjunto do país.

Rede e Cobertura Bancária em 2014

| | Unidades | Açores | País | Açores/País (%) |
|------------------------------|-----------------------|--------|---------|-----------------|
| Depósitos..... | 10 ⁶ Euros | 3 133 | 204 201 | 1,5 |
| Créditos..... | 10 ⁶ Euros | 4 245 | 209 614 | 2,0 |
| Balcões ⁽¹⁾ | Nº | 158 | 5 988 | 2,6 |

(1) – Dados de 2012.

Fonte: Banco de Portugal, Boletim Estatístico, www.bportugal.pt.

5. FINANÇAS PÚBLICAS

Evolução Geral

A soma total de 990,3 milhões de euros de despesas correntes, mais as de capital e as do plano, registadas na Conta da Região Autónoma dos Açores a 31 de dezembro de 2014, traduz um decréscimo nominal de cerca de 12% em relação ao ano anterior.

Com o decréscimo de despesas em 2014, ao mesmo tempo que as receitas fiscais continuaram a crescer significativamente, foi possível reduzir a necessidade de recorrer a fontes externas de financiamento.

De facto, a rubrica de receitas fiscais, com um montante de 625,6 milhões de euros, atingiu uma comparticipação de 63,2% na estrutura de financiamento, enquanto no ano anterior representara 49,8%.

Aplicações e Financiamento — Conta da RAA

| | Montante (Milhões de Euros) | | | | Estrutura % | | | |
|-----------------------------|--------------------------------|---------|---------|-------|----------------|-------|-------|-------|
| | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
| RECEITAS (Corr.+Capital) .. | 1 006,7 | 1 029,5 | 1.127,8 | 990,3 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Receitas fiscais * | 513,9 | 438,1 | 562,3 | 625,6 | 51,1 | 42,6 | 49,8 | 63,2 |
| Transferências | 462,3 | 444,7 | 445,7 | 308,8 | 45,9 | 43,2 | 39,5 | 31,2 |
| Empréstimos | 23,0 | 142,0 | 111,4 | 49,0 | 2,3 | 13,7 | 9,9 | 4,9 |
| Outras | 7,5 | 4,7 | 8,4 | 6,9 | 0,7 | 0,5 | 0,8 | 0,7 |
| DESPESAS | 1 006,4 | 1 028,8 | 1.127,8 | 990,3 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Despesas Correntes | 600,4 | 575,5 | 674,6 | 652,8 | 59,7 | 55,9 | 59,8 | 65,9 |
| Despesas de Capital .. | 0,9 | 128,0 | 80,6 | 19,8 | 0,1 | 12,4 | 7,1 | 2,0 |
| Despesas do Plano | 405,1 | 325,3 | 372,6 | 317,7 | 40,2 | 31,6 | 33,1 | 32,1 |

*Impostos mais taxas, incluindo contribuições para a Segurança Social.

Fonte: Conta da R. A. A., DROT.

Despesas

A reduo de despesas abrangeu a generalidade das suas componentes principais, cabendo  de capitais a frao mais volumosa (na ordem de dezenas de milhar de euros) e abrangendo as despesas com pessoal, cuja massa salarial foi nominalmente inferior  registada no exercício anterior.

Agregando ao total de 990,3 milhões de euros das despesas do ORAA referidas anteriormente, a parcela de 205,8 milhões de euros de fluxos com contas extraorçamentais, obtm-se o montante total de 1.195,4 milhões de euros.

Despesas – Conta da RAA

Milhares de Euros

| Despesas | 2012 | 2013 | 2014 |
|--|------------------|------------------|------------------|
| Despesas Correntes | 575 455 | 674 595 | 652 785 |
| Despesas com Pessoal..... | 261 831 | 304 116 | 303 731 |
| Aquisio de bens e Serviços correntes | 15 125 | 13 811 | 13 419 |
| Encargos correntes da dvida..... | 15 291 | 15 135 | 15 651 |
| Transferências correntes | 272 773 | 331 138 | 309 031 |
| Subsídios..... | 0 | 0 | 0 |
| Outras despesas correntes | 10 435 | 10 395 | 10 953 |
| Despesas de Capital | 128 011 | 80 634 | 19 785 |
| Aquisio de bens de capital | 315 | 272 | 260 |
| Ativos financeiros | 0 | 0 | 0 |
| Passivos financeiros (amortizaes)..... | 127 314 | 29 980 | 19 143 |
| Transferências de capital | 0 | 0 | 0 |
| Outras despesas de capital | 382 | 382 | 382 |
| Despesas do Plano | 325 320 | 372 614 | 317 772 |
| Contas de Ordem / Operaes extraorçamentais | 262 116 | 250 518 | 205 084 |
| Total | 1 290 902 | 1 378 361 | 1 195 426 |

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Receitas

O financiamento continuou a revelar as receitas fiscais próprias como fonte significativa e mais consolidada na arrecadação de recursos financeiros.

Para a evolução positiva no exercício de 2014 destacam-se as contribuições para Segurança Social e os Impostos Indiretos.

Nestes o IVA, além de continuar a evidenciar-se pelo volume que representa, registou o crescimento mais elevado, atingindo uma taxa média anual de cerca de 30%. O imposto automóvel também cresceu significativamente, destacando-se particularmente pela realização superior ao valor orçamentado em cerca de 14%.

Agregando ao valor de 990,3 milhões de euros de receitas do ORAA as receitas extraorçamentais de 202,2 milhões de euros, obtém-se um montante total de 1.191,5 milhões de euros.

Receitas – Conta da RAA

Milhares de Euros

| Receitas | 2012 | 2013 | 2014 |
|---|------------------|------------------|------------------|
| Receitas Correntes | 580 106 | 780 227 | 810 352 |
| Impostos diretos..... | 160 599 | 229 517 | 227 361 |
| Impostos indiretos..... | 266 284 | 319 986 | 381 953 |
| Contribuições Segurança Social..... | 3 738 | 5 089 | 9 129 |
| Taxas, multas, outras penalidades | 7 502 | 7 689 | 7 175 |
| Rendimentos de propriedade | 1 979 | 3 544 | 3 423 |
| Transferências | 138 974 | 212 232 | 179 599 |
| Outras receitas | 1 030 | 2 179 | 1 712 |
| Receitas de Capital..... | 448 204 | 345 268 | 178 650 |
| Venda de bens de investimento..... | 89 | 57 | 106 |
| Transferências | 305 697 | 233 439 | 129 206 |
| Ativos financeiros | 52 | 284 | 233 |
| Passivos financeiros..... | 141 980 | 111 430 | 49 000 |
| Outras receitas de capital..... | 386 | 58 | 105 |
| Outras receitas/ Reposições não abatidas nos pagamentos..... | 880 | 1 683 | 1 316 |
| Saldo da gerência anterior..... | 289 | 693 | 38 |
| Contas de Ordem/ Operações extraorçamentais .. | 261 646 | 253 230 | 202 156 |
| Total da Receita | 1 291 125 | 1 381 111 | 1 192 512 |

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Saldos

Em 2014, as receitas correntes de 810,4 milhões de euros, cobrindo as respetivas despesas no valor de 652,8 milhões de euros, geraram um excedente de 157,6 milhões de euros.

Considerando que das operações de capital foi conseguido um deficit com valor absoluto na mesma ordem de grandeza, obteve-se contabilisticamente um saldo nulo.

Desta forma, o saldo primário traduz-se nos 15,6 milhões de euros de juros e outros encargos correntes da dvida pública regional.

Saldos – Conta da RAA

Milhões de Euros

| | 2012 | 2013 | 2014 |
|------------------------|------|--------|--------|
| Saldo Corrente | 4,7 | 105,6 | 157,6 |
| Saldo de Capital | -4,0 | -105,6 | -157,6 |
| Saldo Global | 0,7 | 0,0 | 0,0 |
| Saldo Primário | 16,0 | 15,1 | 15,6 |

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Dvida Pública Direta

O capital em dvida pública direta de 473,6 milhes de euros no exercício de 2014 incorpora um saldo de 29,9 milhes de euros, resultante de empréstimos e amortizaes de 49,0 e 19,1 milhes de euros, respetivamente.

No mesmo exercício de 2014 os juros, amortizaes e outros encargos com o serviço da dvida somaram 34,8 milhões de euros.

Dvida Pública Regional

Mil Euros

| | 2012 | 2013 | 2014 |
|------------------------------------|----------------|----------------|----------------|
| Dvida Pública Direta | 412 280 | 443 730 | 473 587 |
| Serviço da Dvida | 142 605 | 45 115 | 34 794 |
| Juros e outros encargos | 15 291 | 15 135 | 15 651 |
| Amortizações | 127 314 | 29 980 | 19 143 |

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

6. AGRICULTURA

Observando os dados sobre as principais culturas agrícolas açorianas pode considerar-se 2014 como um ano de campanhas agrícolas com resultados significativos.

De facto os volumes de produo foram superiores aos do ano anterior, mesmo nos casos em que as áreas das superfícies agrícolas das exploraoes se tenham mantido ou mesmo reduzido.

Consequentemente, as campanhas agrícolas durante o ano econmico de 2014 beneficiaram de uma época com níveis de produtividades mdias acrescidas.

Produo das Principais Culturas, R.A.A.

| | Superfície (ha) | | | Produo (ton) | | |
|--------------------------|-----------------|-------|-------|---------------|---------|---------|
| | 2012 | 2013 | 2014 | 2012 | 2013 | 2014 |
| Batata..... | 584 | 601 | 599 | 8 685 | 9 896 | 11 142 |
| Batata-doce..... | 54 | 57 | 60 | 1 075 | 1 129 | 1 178 |
| Beterraba Sacarina | 371 | 382 | 354 | 18 894 | 9 891 | 13 320 |
| Milho Grão | 239 | 238 | 238 | 451 | 422 | 446 |
| Milho forrageiro..... | 7 824 | 9 161 | 9 342 | 267 373 | 225 648 | 270 775 |
| Tabaco..... | 31 | 32 | 44 | 83 | 77 | 108 |
| Ch | 37 | 37 | 37 | 95 | 95 | 120 |

Fonte: INE.

Em 2014, a produo de vinhos açorianos atingiu um volume de 12 914 hectolitros, sendo 11 011 hectolitros (cerca de 85% do total) basicamente constituídos pela categoria de tintos e tipo rosado sem indicao de casta.

 semelhança do que se observou anteriormente sobre a produo das principais culturas, também se registaram resultados significativos nas colheitas das diversas castas videiras.

As castas de vinhas com origem ou identificao geográficas protegidas mantiveram a evoluo que vinha do ano anterior.

Produco de vinhos, R.A.A. - 2014

Unidade: hl

| | Branco | Tinto* | Total |
|--|--------------|---------------|---------------|
| Licoroso com DOP | 1 308 | 0 | 1 308 |
| DOP - Denominao de Origem Protegida..... | 85 | 0 | 85 |
| IGP - Identificao Geográfica Protegida..... | 426 | 692 | 1 118 |
| Com Indicao de Casta | 0 | 0 | 0 |
| Sem Indicao de Casta | 85 | 10 318 | 10 403 |
| Total..... | 1 904 | 11 010 | 12 914 |

* Pode incluir vinhos tipo rosado.

Fonte: INE.

Os laticínios registaram resultados significativos em 2014, com crescimentos nos diversos segmentos da respetiva fileira de produo, transformao e consumo. O leite recebido nas fábricas atingiu um volume de 579,2 milhões de litros, representando uma taxa de crescimento médio anual de 8,0%.

Entre os produtos lteos transformados e com destino comercial significativo  exportao, assinalam-se as 29,6 mil toneladas de queijo, cabendo ao leite em p e  manteiga, respetivamente, 16,4 e 10,0 milhões de toneladas.

O leite em termos de produo para consumo diário somou 128,6 milhões de litros, representando um crescimento mais moderado, situando-se a taxa média anual em 3,8%.

Produco e Transformao de Leite

| | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|---|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| Leite recebido nas fábricas (1000 lt.) | 515 728 | 540 199 | 535 417 | 547 576 | 565 951 | 536 074 | 579 155 |
| Leite p/consumo (1000 lt) | 84 069 | 99 410 | 99 105 | 114 240 | 118 128 | 123 938 | 128 596 |
| Produtos lteos (ton.s)..... | 53 416 | 53 991 | 53 827 | 53 816 | 56 218 | 51 735 | 56 408 |
| Manteiga..... | 8 300 | 8 636 | 8 070 | 8 764 | 9 869 | 8 835 | 10 023 |
| Queijo..... | 29 105 | 28 948 | 28 354 | 28 958 | 30 292 | 28 256 | 29 621 |
| Leite em P | 15 692 | 16 102 | 17 067 | 15 789 | 15 687 | 14 273 | 16 389 |
| logurtes..... | 316 | 305 | 336 | 306 | 371 | 371 | 375 |

Fonte: SREA.

O volume de 27,0 mil toneladas de produção de carne em 2014, representa um decréscimo de 1,1% em relação ao ano anterior.

Este decréscimo decorreu de produção associada ao mercado de exportação, já que as produções de abates de suínos e de aves registaram variações positivas.

Produção de Carne

| | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|------------------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Gado bovino abatido..... | 10 448 | 11 565 | 11 645 | 12 530 | 12 624 | 13 152 | 12 281 |
| Gado bovino exportado vivo.. | 8 436 | 5 511 | 5 200 | 5 077 | 4 266 | 4 525 | 4 556 |
| Subtotal..... | 18 884 | 17 076 | 16 845 | 17 607 | 16 890 | 17 677 | 16 837 |
| Gado suíno abatido..... | 5 706 | 4 655 | 4 827 | 5 136 | 5 492 | 4 906 | 5 416 |
| Aves (abate)..... | 4 230 | 4 304 | 4 546 | 4 590 | 4 453 | 4 724 | 4 752 |
| Total | 28 820 | 26 035 | 26 188 | 27 334 | 26 834 | 27 307 | 27 005 |

Fonte: SREA.

As 11 825 explorações agrícolas, contabilizadas pela IEEA – Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas do INE no ano de 2013, ocupavam uma superfície agrícola útil – SAU de 118 589 hectares.

Com estes dados obtém-se uma superfície média por exploração de 10,0 hectares, situando-se a um nível superior ao de outras terras de minifúndio, mas sem atingir os 13,8 hectares do conjunto do país.

No que respeita à produção das mesmas explorações o inquérito estimou um Valor de Produção Padrão Total de 419 382 mil euros. Com este valor monetário, estimado em função de preços de venda à porta das explorações, calcula-se um rácio por exploração de 35,5 milhares de euros, que é significativamente superior ao de 17,1 para o conjunto do país.

Desta forma verifica-se que a dimensão relativamente reduzida quando medida em termos físicos (ha) não impede uma DE – Dimensão Económica significativa no contexto de Portugal.

Dimensão das Exploraes

| Classes | Exploraes (n) | SAU (ha) | SAU média por explorao (ha/expl.) | VPPT (10 ³ euros) | DE (10 ³ euros/expl.) |
|-------------------|--------------------|-------------|--|---------------------------------|-------------------------------------|
| Portugal | 264 419 | 3 641 592 | 13,8 | 4 522 865 | 17,1 |
| Continente | 240 527 | 3 517 740 | 14,6 | 4 017 734 | 16,7 |
| Norte | 98 824 | 646 610 | 6,5 | 927 510 | 9,4 |
| Centro | 86 291 | 558 021 | 6,5 | 1 212 801 | 14,1 |
| Lisboa | 6 128 | 74 366 | 12,1 | 307 504 | 50,2 |
| Alentejo | 37 727 | 2 146 508 | 56,9 | 1 436 362 | 38,1 |
| Algarve | 11 557 | 92 234 | 8,0 | 133 556 | 11,6 |
| Açores | 11 825 | 118 589 | 10,0 | 419 382 | 35,5 |
| Madeira | 12 068 | 5 262 | 0,4 | 85 749 | 7,1 |

Fonte: INE, Inquérito  Estrutura das Exploraes Agrícolas.

Do total de 11 825 exploraes agrícolas, 6 878 especializaram-se na bovinicultura fazendo o maneio de 257 milhares de cabeças de gado. Assim obtm-se uma média de 37,4 cabeças de gado por explorao, enquanto o encabeçamento medido pelo mesmo rácio a nível do país corresponde a 34,5 animais.

As 4 948 exploraes que utilizam trator correspondem a 41,8% do total.

Indicadores das Exploraes

| Classes | Bovinicultura | | | Exploraes que utilizam trator (n) |
|-----------------|--------------------|---------------------------------|----------------------------------|---|
| | Exploraes (n) | Cabeças (10 ³ n) | Encabeamento (n cab./expl.) | |
| Portugal | 40 733 | 1 407 | 34,5 | 212 549 |
| Norte | 19 195 | 323 | 16,8 | 86 381 |
| Centro | 8 413 | 169 | 20,1 | 77 212 |
| Lisboa | 479 | 36 | 75,2 | 5 191 |
| Alentejo | 4 414 | 607 | 137,5 | 29 630 |
| Algarve | 319 | 11 | 34,0 | 8 779 |
| Açores | 6 878 | 257 | 37,4 | 4 948 |
| Madeira | 1 035 | 5 | 4,4 | 410 |

Fonte: INE, Inquérito  Estrutura das Exploraes Agrícolas.

Dos cerca de 35 milhares de pessoas da população agrícola familiar, há 3,5 milhares a trabalhar a tempo completo, 18,4 milhares a tempo parcial e, ainda, 12,7 milhares sem atividade.

O volume total de população agrícola tem vindo a diminuir, envolvendo mesmo os que trabalham a tempo inteiro. O decréscimo destes últimos no período de apuramento de dados, entre 2009 e 2013, atingiu cerca de 14%.

Apesar da redução significativa, em 2013 a população agrícola nos Açores representava 14,0% da população residente, enquanto no país representava 6,5%.

O trabalho agrícola baseia-se em estruturas agrícolas familiares que utilizam trabalhadores permanentes assalariados de forma mais restrita e complementar. Nos Açores foram contabilizados 1 932 assalariados, enquanto familiares a tempo inteiro correspondiam a 3 536 indivíduos.

População e mão-de-obra

| NUTS II | Estimativas da população residente (2013) (nº) | População agrícola familiar | | | | Trabalhadores permanentes assalariados (nº ind.) |
|-------------------|---|-----------------------------|-----------------------|-----------------------|------------------------|---|
| | | Total (nº) | Sem atividade (nº) | Tempo parcial (nº) | Tempo completo (nº) | |
| Portugal | 10 427 301 | 674 573 | 108 742 | 487 761 | 78 069 | 60 562 |
| Continente | 9 918 548 | 604 926 | 86 691 | 446 753 | 71 483 | 57 217 |
| Norte | 3 644 195 | 263 070 | 37 055 | 188 615 | 37 400 | 19 016 |
| Centro | 2 281 164 | 222 772 | 25 683 | 175 061 | 22 029 | 12 458 |
| Lisboa | 2 807 525 | 14 886 | 3 366 | 9 284 | 2 236 | 4 082 |
| Alentejo | 743 306 | 79 739 | 17 340 | 54 698 | 7 701 | 18 516 |
| Algarve | 442 358 | 24 460 | 3 247 | 19 095 | 2 117 | 3 145 |
| Açores | 247 440 | 34 670 | 12 720 | 18 414 | 3 536 | 1 932 |
| Madeira | 261 313 | 34 977 | 9 331 | 22 595 | 3 051 | 1 413 |

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas.

Os indicadores laborais mostram que as explorações agrícolas nos Açores têm uma dimensão mínima de 0,9 Unidades de Trabalho Ano (UTA) e, ao mesmo tempo, revelam níveis de eficiência significativos, seja em relação

à superfície agrícola utilizada (SAU), com 9,4 UTA/SAU, seja em relação a cabeças normais de bovinos, com 5,5 UTA/CN.

Em termos de produtividade o rácio de 37,4 mil euros por UTA situa-se ao nível máximo das regiões NUTS II de Portugal.

Indicadores Laborais

| | UTA | UTA média por exploração (UTA/expl.) | VPPT médio por UTA (10 ³ euros/UTA) | UTA média por SAU (UTA/100 ha) | UTA média por CN (UTA/100 CN) |
|-----------------|---------|---|---|-----------------------------------|----------------------------------|
| Portugal | 328 658 | 1,2 | 13,8 | 9,0 | 16,1 |
| Norte | 137 402 | 1,4 | 6,8 | 21,2 | 39,1 |
| Centro | 97 280 | 1,1 | 12,5 | 17,4 | 17,0 |
| Lisboa | 11 107 | 1,8 | 27,7 | 14,9 | 16,9 |
| Alentejo | 47 087 | 1,2 | 30,5 | 2,2 | 5,8 |
| Algarve | 11 801 | 1,0 | 11,3 | 12,8 | 61,6 |
| Açores | 11 206 | 0,9 | 37,4 | 9,4 | 5,5 |
| Madeira | 12 775 | 1,1 | 6,7 | 242,8 | 136,4 |

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas.

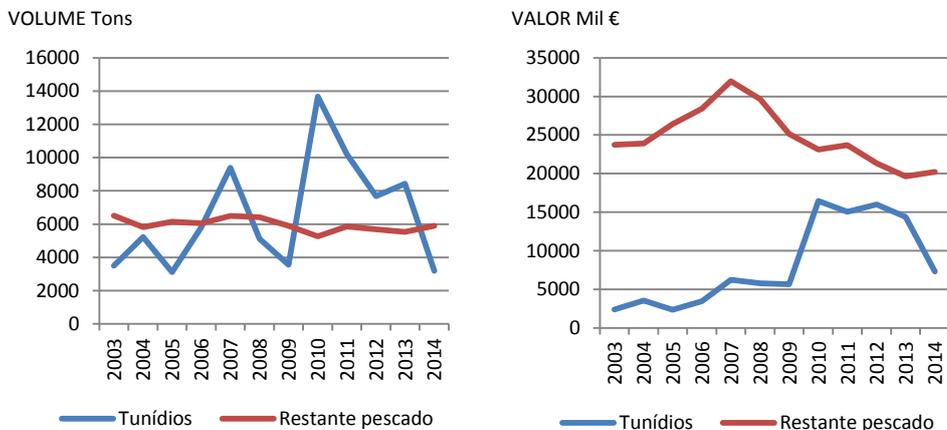
7. PESCAS

Em 2014, o volume de pescado descarregado na rede de portos de pesca somou um total de 9,1 mil toneladas, o que represente um decréscimo anual significativo.

Este decréscimo decorreu de uma forte quebra da variedade de tundeos que atingiu milhares de toneladas.

Todas as outras variedades de espécies registaram um volume agregado maior. Todavia, manteve-se dentro da linha de tendência habitual, próxima de 6 milhares de toneladas.

O valor total do pescado descarregado, no mesmo ano de 2014, somou um valor de 27,5 milhões de euros, o que também representa um decréscimo em relao ao anterior. Contudo, neste caso o decréscimo foi mais moderado do que no do volume, porque os tundeos têm um valor comercial com preço médio menor ao das outras espécies.



Considerando as principais espécies descarregadas, verifica-se que umas se destacam pelo valor monetário bruto que atingem, como o caso do goraz com 2,9 milhões de euros, representando uma quota de 14,4% do total.

Outras espécies evidenciam maior representatividade pelo volume de pescado atingido, como  o caso do chicharro com 927 toneladas registadas, correspondendo a 15,7% do total.

Para além destas situações tipo limite, encontram-se espécies que revelam um maior equilíbrio entre volume e preço.

Principais Espécies Descarregadas, 2014

| | Toneladas | Mil Euros | Euro/Kg |
|------------------|-----------|-----------|---------|
| Abrtea..... | 337 | 933 | 2,7 |
| Boca Negra | 200 | 1 029 | 5,2 |
| Cherne | 121 | 1 714 | 14,2 |
| Chicharro..... | 927 | 1 082 | 1,2 |
| Goraz..... | 217 | 2 921 | 13,5 |
| Imperador..... | 22 | 322 | 14,7 |
| Lula..... | 354 | 1 942 | 5,5 |
| Mero | 24 | 187 | 8,0 |
| Pargo..... | 75 | 727 | 9,7 |
| Peixo..... | 446 | 2 680 | 6,0 |

Fonte: SREA.

No contexto da economia portuguesa, as espécies descarregadas nos portos açorianos continuam a registar um nível de valorizao elevado.

Efetivamente, em 2014, o valor comercializado nas lotas açorianas atingia uma quota de 11,0% do total registado no país, face a 7,6% do respetivo volume de pesca descarregado.

Principais Categorias de Espécies Descarregadas, 2014

| | Açores | | Portugal | | Açores/Portugal (%) | |
|-------------------------|--------------|---------------|----------------|----------------|---------------------|-------------|
| | Tons | Mil euros | Tons | Mil euros | Tons | Euros |
| Peixes marinhos..... | 8 663 | 25 078 | 100 073 | 174 778 | 8,7 | 14,3 |
| Crustáceos..... | 20 | 215 | 1 150 | 11 365 | 1,8 | 1,9 |
| Moluscos..... | 417 | 2 239 | 18 504 | 63 065 | 2,3 | 3,6 |
| gua doce e outros..... | 0 | 0 | 163 | 1 293 | 0,0 | 0,0 |
| Total | 9 100 | 27 531 | 119 890 | 250 501 | 7,6 | 11,0 |

Fonte: INE.

Em 2014, a capacidade operacional da frota de pesca açoriana traduziu-se em 615 embarcações licenciadas, com uma arqueao bruta de 8 434

unidades padrão e com uma motorizao de 45,7 milhares de KW de potência instalada.

Embarcaes, 2014

| | Açores | Portugal | Açores / Portugal (%) |
|----------------------|--------|----------|-----------------------|
| Número | 615 | 4 319 | 14,2 |
| Arqueao bruta | 8 434 | 81 553 | 10,3 |
| Potência (Kw) | 45 729 | 296 240 | 15,4 |

Fonte: INE.

A distribuico das licenças por arte de pesca, para o ano de 2014, continuou a registar um predomínio evidente da arte de anzol, registando-se um número de 1 509 licenças num total de 2 289.

Licenças por Arte de Pesca, 2014

| | Açores | Portugal | Açores/Portugal (%) |
|--------------------|--------------|---------------|---------------------|
| Anzol | 1 509 | 10 873 | 13,9 |
| Armadilhas..... | 108 | 2 785 | 3,9 |
| Arrasto | 5 | 817 | 0,0 |
| Cerco..... | 67 | 276 | 24,3 |
| Redes..... | 600 | 6 291 | 9,5 |
| Outras artes | 0 | 465 | 0,0 |
| Total..... | 2 289 | 21 507 | 10,6 |

Fonte: INE.

A partir dos números de pescadores distribuídos segundo segmentos de pesca  possível observar a importncia do tipo local, j que o número de 1 959 de matriculados em 2014 representava 29,4 % do total do país.

Pescadores, 2014

| | Açores | Portugal | Açores/Portugal (%) |
|-------------------|--------------|---------------|---------------------|
| Local | 1 959 | 6 663 | 29,4 |
| Costeiro..... | 872 | 8 051 | 10,8 |
| Largo | 0 | 449 | 0,0 |
| Total..... | 2 831 | 15 163 | 18,7 |

Fonte: INE.

No que respeita a restrições e efeitos negativos decorrentes da atividade piscatória, durante o ano de 2014, foram registados 1 931 dias de incapacidade, menos 209 dias que em 2013 e 53 feridos, mais 2 feridos que em 2013, mas sem qualquer registo de acidente mortal.

Sinistralidade e Dias de Incapacidade, 2014

| | Açores | Portugal | Açores/Portugal (%) |
|----------------------------|---------------|-----------------|----------------------------|
| Mortos..... | 0 | 8 | 0,0 |
| Feridos | 53 | 1 011 | 5,2 |
| Dias de incapacidade | 1 931 | 30 484 | 6,3 |

Fonte: INE.

8. ENERGIA

Eletricidade

O volume de 788,9 Gwh gerados pelo sistema electroprodutor regional, durante o ano de 2014, representa um decréscimo à taxa média anual de -0,5%.

Por sua vez, o agregado dos consumos de eletricidade pelas famílias, empresas e entidades públicas somou 718,4 Gwh, correspondendo a um decréscimo à taxa média anual de -0,2%.

Sendo assim, os 70,5 Gwh de eletricidade produzida, que se perderam sem terem chegado ao consumo final, representa um valor absoluto, e também proporcionalmente, inferior ao do ano anterior.

Eletricidade – Balanço

| | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|---------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Produção..... | 823,7 | 829,1 | 849,8 | 840,0 | 804,6 | 792,5 | 788,9 |
| Perdas | 70,0 | 72,4 | 71,2 | 69,2 | 73,3 | 72,8 | 70,5 |
| Consumo | 753,7 | 756,7 | 778,6 | 770,8 | 731,3 | 719,7 | 718,4 |

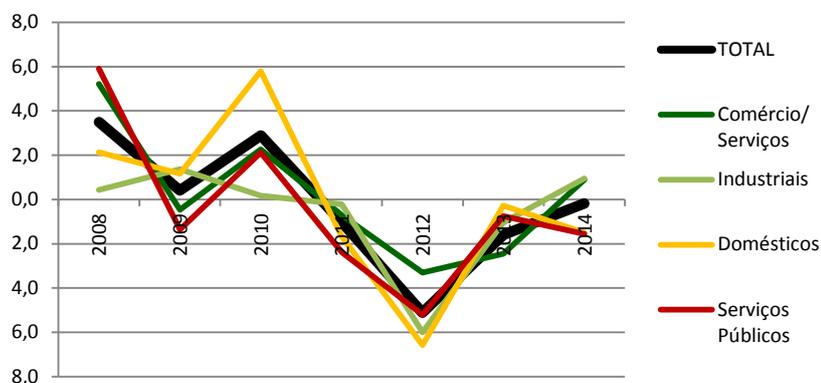
Fonte: EDA.

A redução do consumo total de eletricidade decorreu das variações nos consumos pelas famílias (domésticos) e em serviços públicos, tendo os clientes de comércio/serviços e de indústrias registado alguns acréscimos.

Efetivamente, na sequência da tendência de desaceleração de crescimento que se vinha observando e, principalmente, da quebra depois de 2011, os acréscimos nos consumos de comércio/serviços e de indústrias em 2014 representam os primeiros registos de sentido positivo, influenciando a evolução geral, mas sem a determinar.

Consumo de Eletricidade

(Taxa de variação, %)

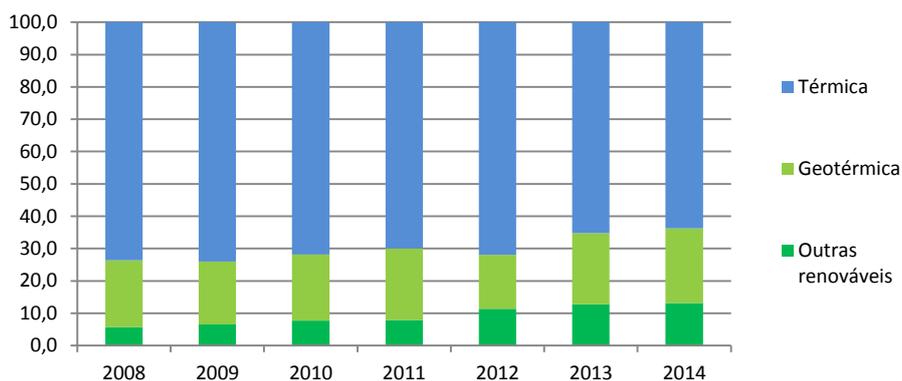


A composição da produção de eletricidade é menos sensível a variações em função de condicionantes de conjuntura, mas mais reveladora das tendências de evolução segundo fontes de energia e respetivas estruturas.

O decréscimo de produção total em 2014 decorreu no âmbito do desempenho nas centrais térmicas, tendo as outras fontes geradoras de energia elétrica registado variações positivas. Estes resultados, conforme se podem observar através dos dados representados no gráfico, integram-se nas linhas gerais de evolução dos últimos anos.

Produção de Eletricidade

(percentagens complementares)



A tendência de substituição de eletricidade produzida em centrais térmicas mais convencionais, por eletricidade baseada em fontes de energia renováveis, tem-se alargado pela generalidade das ilhas.

A distribuico do consumo pelas ilhas revela uma maior aproximaco a um padrão médio, deixando, todavia, transparecer variações com origem em diferenças de estruturas já consolidadas ou, também, em fases de desenvolvimento dos próprios sistemas electroprodutores.

Distribuico por Ilhas - 2014

| | SMA | SMG | TER | GRA | SJO | PIC | FAI | FLO | COR | RAA |
|---|-------|--------|--------|-------|-------|-------|-------|-------|-----|---------|
| Produção total (GWh) | 20,8 | 415,5 | 203,3 | 13,8 | 28,2 | 45,2 | 49,1 | 11,4 | 1,6 | 788,9 |
| Produção renovável (%).... | 13,2 | 54,9 | 17,3 | 0,0 | 15,6 | 14,8 | 16,0 | 12,4 | 0,0 | 36,3 |
| Consumidores (n de instalações)* | 3 716 | 62 162 | 27 103 | 3 216 | 5 748 | 9 318 | 7 887 | 2 416 | 270 | 121 836 |
| Consumo médio (MWh / n instalações)..... | 5,0 | 6,2 | 6,7 | 3,9 | 4,4 | 4,3 | 5,5 | 4,2 | 5,0 | 5,9 |

* Dados do ano de 2013.

Fonte: EDA.

Balanço Energético

O volume de energia primária consumida na RAA, durante o ano de 2013 e calculado pela Direção-Geral de Energia e Geologia, correspondeu a um total de 340 mil teps.

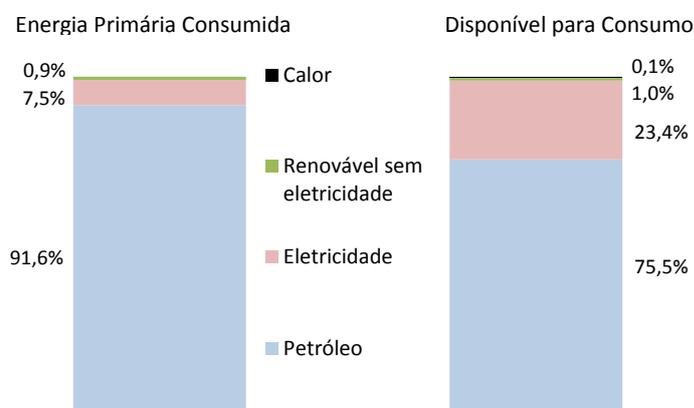
As fontes de energia de produção doméstica (no sentido de originada na própria Região, isto , não sendo importada) renovável de electricidade no conjunto formado por geotermia, eólicas e hidroelétricas, somaram 25,6 mil teps, representando 7,5% daquele total.

As fontes mais diretas de energia primária consumida (renováveis sem electricidade: solar, lenhas e resíduos vegetais) representaram apenas 0,9% do total.

Finalmente, as fontes constituídas por combustíveis fósseis (petróleo e derivados) representam a origem mais expressiva, mesmo dominante, com 91,6 por cento do total. Todavia, esta componente tem vindo a reduzir o seu peso no conjunto total. Por exemplo, ainda no ano anterior representara 93,1 por cento do total.

Incorporando o sistema electroprodutor, a electricidade participa em termos de oferta de energia disponível para consumo final com 23,4% do total, cabendo ao petróleo e derivados 75,5%. Outras formas de energia disponível para consumo final situam-se a um nível residual.

Balanço Energético – Oferta - 2013



Observando agora pelo lado da procura final, por parte de setores de consumo, verifica-se que a distribuição varia em função das respetivas características de estruturas de funcionamento e de dimensão.

O sector de transportes continua a revelar-se como o maior utilizador final de energia disponível, tendo consumido uma quota de 43,2% do total e completamente (100%) constituída pela fonte de energia primária de combustíveis fósseis de petróleo.

O sector de serviços revela-se como grande consumidor de energia na forma de eletricidade, que representa 81,5%.

O sector doméstico (no sentido clientes individuais e famílias), por sua vez, apresenta-se com a maior diversificação por fontes de energia, onde às renováveis cabem 6,3%.

Balanço Energético – Procura

Consumo Final de Energia

Unidade: %

| Quota de Procura | Sector | Distribuição por fontes | | | |
|------------------|-----------------------|-------------------------|--------------|--------|-------------|
| | | Petróleo | Eletricidade | Outras | Total Geral |
| 43,2 | Transportes..... | 100,0 | 0,0 | 0,0 | 100,0 |
| 16,3 | Doméstico..... | 44,4 | 49,3 | 6,3 | 100,0 |
| 13,4 | Serviços | 18,5 | 81,5 | 0,0 | 100,0 |
| 11,4 | Indústrias..... | 70,3 | 28,0 | 1,6 | 100,0 |
| 4,2 | Construção e O.P..... | 86,8 | 13,2 | 0,0 | 100,0 |
| 8,4 | Agricultura | 95,2 | 4,7 | 0,1 | 100,0 |
| 3,1 | Pescas..... | 93,6 | 6,4 | 0,0 | 100,0 |
| 100,0 | Total..... | 75,5 | 23,4 | 1,1 | 100,0 |

Fonte: Direcção Geral de Energia e Geologia.

9. COMÉRCIO COM O ESTRANGEIRO

O comércio com o estrangeiro situa-se numa ordem de grandeza de cerca de um décimo do valor da produo regional. Mais concretamente, o total de negócios (importaes mais exportaes) de empresas sedeadas na RAA com outras sedeadas em países estrangeiros representou 9,7% do Produto Interno Regional, calculado com base no seu valor preliminar mais recente.

Durante o ano de 2014, as receitas com exportaes em 95,8 milhões de euros cobriram 69,4% das despesas com importaes no mesmo ano.

Comércio Internacional de Mercadorias

1 000 Euros

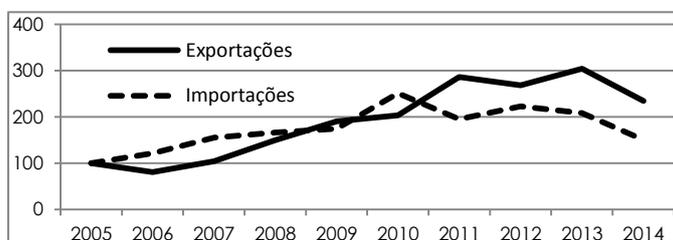
| | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|-----------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| Importaes | 160 051 | 230 549 | 179 197 | 203 999 | 190 982 | 137 946 |
| Exportaes | 77 856 | 83 082 | 117 116 | 109 670 | 124 443 | 95 754 |
| Total | 237 907 | 313 631 | 296 314 | 313 668 | 315 426 | 233 700 |
| Taxa de Cobertura (%) | 48,6 | 36,0 | 65,4 | 53,8 | 65,2 | 69,4 |

Fonte: INE, Base de dados: definitivos até 2013 e provisórios para 2014.

Esta taxa de cobertura situa-se a um nível comparável ao registado para o conjunto da economia portuguesa e, aparentemente, integra-se numa trajetória que vem revelando variaes de exportaes a preços correntes mais significativos do que as das respetivas importaes nos últimos anos.

Importaes e Exportaes a preços correntes

Índice base 2005=100

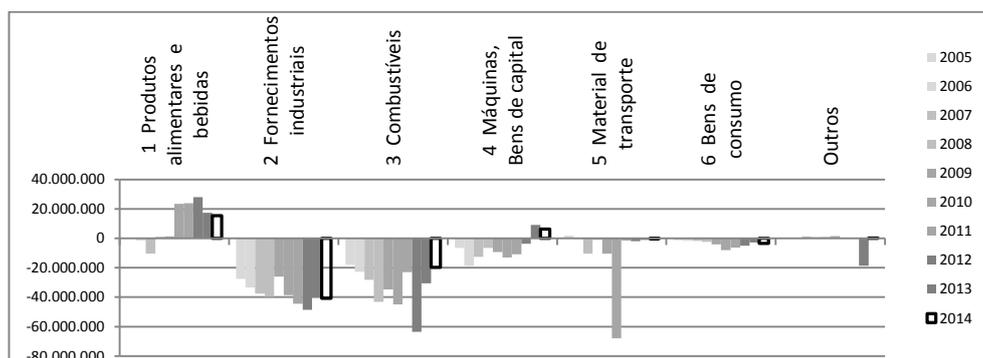


A distribuio do comércio com o estrangeiro, segundo as grandes categorias econmicas, tem mantido, por um lado, a especializao na de Produtos Alimentares e Bebidas, que representam mais de dois terços do total de exportaes e, por outro lado, a satisfao do mercado

doméstico regional em bens de investimento e de energia, cabendo à categoria de fornecimentos industriais e à de combustíveis, respetivamente, cerca de 30% e de 20% das importações.

Neste contexto de especialização produtiva e comercial, a categoria de Produtos Alimentares e Bebidas é a única com saldos positivos que têm assumido contributos mais expressivos nos últimos anos (desde 2010).

Comércio Internacional, grandes categorias

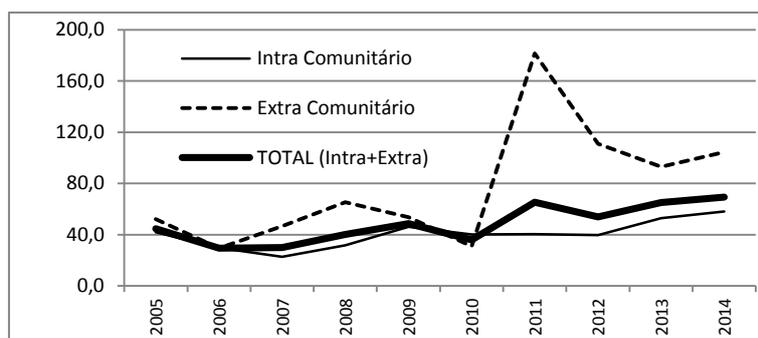


As trocas comerciais continuam a ser mais representativas no âmbito de países da União Europeia, com dados recentes a registarem pesos na ordem de 60%.

Todavia, o nível de cobertura do valor das importações pelo das exportações tem vindo a revelar-se mais significativo para o conjunto dos países do espaço global extracomunitário.

Neste espaço encontram-se países com os quais são gerados saldos comerciais positivos, como os casos do Canadá e do Brasil, mas o grupo mais significativo é o dos Países Africanos de Língua Portuguesa, particularmente Angola.

Comércio Internacional, taxas de cobertura



10. TURISMO

No ano de 2014, a procura turística traduziu-se num total de cerca de 1,2 milhões de dormidas, correspondendo a um acréscimo de 3,7% nos diversos tipos de alojamento inquiridos pelo Serviço Regional de Estatística.

Por sua vez a capacidade de oferta disponível dos estabelecimentos de hotelaria tradicional e de turismo em espaço rural também cresceu a ritmo comparável ao que se registou na procura, durante o mesmo período.

Desta forma, obtiveram-se níveis de utilização da capacidade oferecida próximos dos registados no ano anterior. Por exemplo, a da hotelaria tradicional voltou a traduzir-se numa taxa média anual de ocupação na ordem de 34%.

Oferta e Procura Turísticas

| Ano | Capacidade (1) | | | | Dormidas | | | |
|------|-----------------------|-------------------------|------------|-------|-----------------------|-------------------------|------------|-----------|
| | Hotelaria Tradicional | Turismo em espaço rural | Outros (2) | Total | Hotelaria Tradicional | Turismo em espaço rural | Outros (2) | Total |
| 2009 | 8 566 | 820 | 543 | 9 927 | 1 004 804 | 20 603 | 82 723 | 1 108 130 |
| 2010 | 8 305 | 844 | 546 | 9 695 | 1 035 031 | 24 831 | 91 671 | 1 151 533 |
| 2011 | 8 465 | 822 | 524 | 9 812 | 1 033 525 | 23 049 | 93 875 | 1 150 449 |
| 2012 | 8 368 | 845 | 475 | 9 688 | 957 740 | 28 883 | 93 797 | 1 077 420 |
| 2013 | 8 267 | 943 | 484 | 9 694 | 1 054 112 | 36 639 | 95 535 | 1 186 286 |
| 2014 | 8 435 | 910 | - | 9 345 | 1 063 887 | 39 756 | 125 640 | 1 229 283 |

(1) Média anual da oferta mensal de camas.

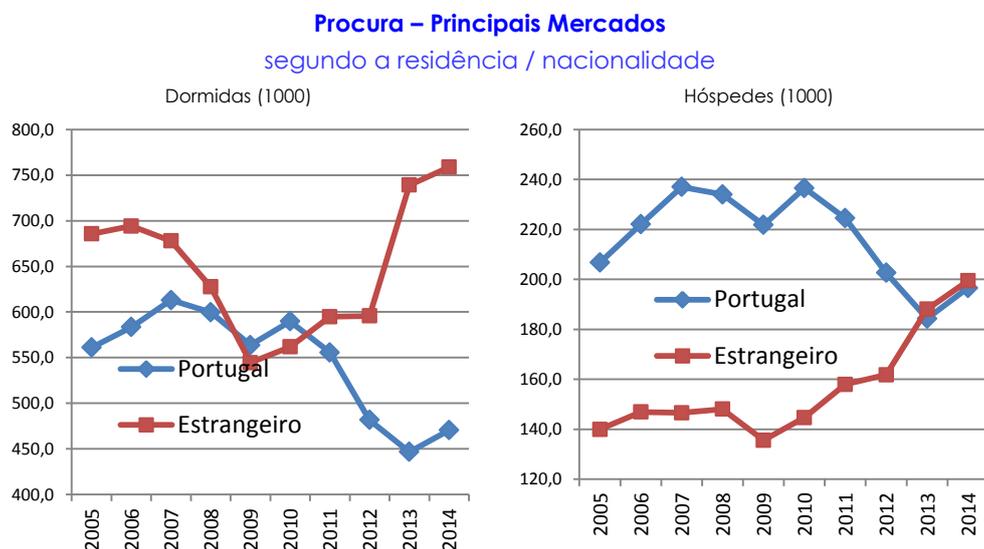
(2) Casas de hóspedes, Colónias de férias / Pousadas da Juventude, Parques de campismo e Alojamentos particulares. No ano de 2014 não foram incluídos os dados sobre a capacidade.

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

O mercado de residentes no país cresceu, em 2014, de forma relativamente mais intensa do que o de residentes no estrangeiro porque partiu de uma base inferior.

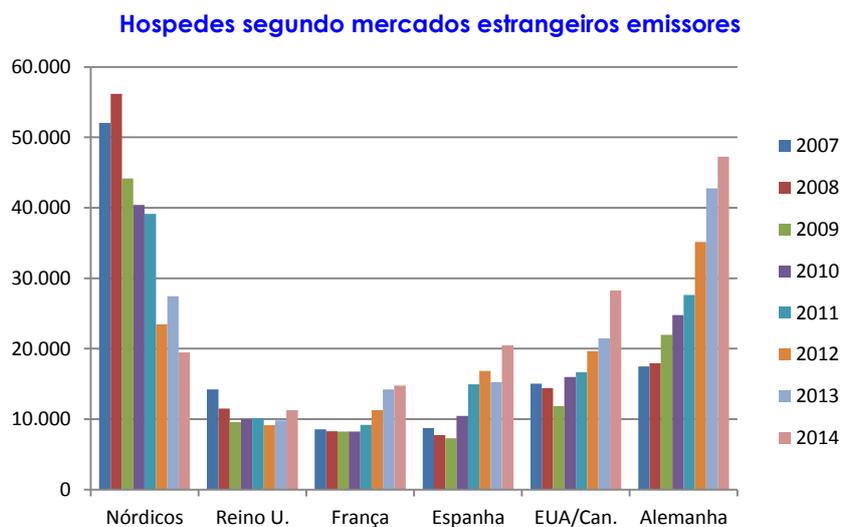
Efetivamente, o mercado de residentes em Portugal situava-se num ponto de 450 milhares de dormidas, em 2013, enquanto o mercado de residentes no estrangeiro já atingira 750 milhares de dormidas naquele mesmo ano.

Como os acréscimos dos números de hóspedes cresceram de forma praticamente paralela, deduz-se que os níveis de permanência média se mantiveram estáveis.



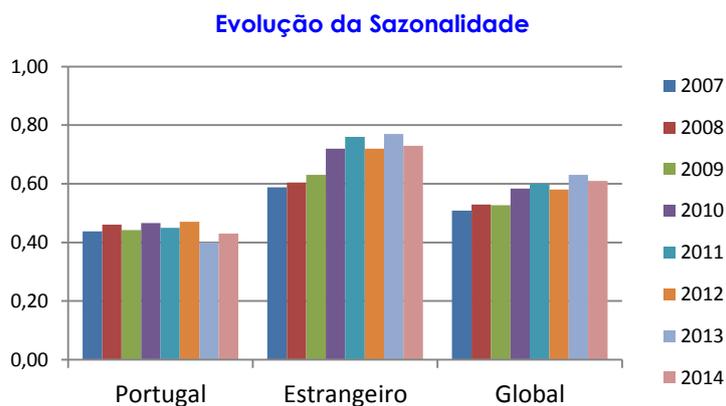
A evolução da procura por parte de residentes no estrangeiro foi observável na generalidade dos mercados de países emissores.

Efetivamente, observando os dados sobre os mercados mais representativos nos últimos anos, constata-se que apenas no dos países nórdicos foi registado um decréscimo em 2014.



Observando os elementos sobre a sazonalidade global, em 2014, verifica-se que o seu valor foi inferior ao do ano anterior, por efeito da procura de residentes no estrangeiro, já que a procura de residentes no país intensificou-se mais nos meses da época alta.

Esta evoluo, neste ano de 2014, diferencia-se da linha de tendência dos últimos anos que tem revelado uma associao com o crescimento da procura por parte de hóspedes residentes no estrangeiro.



A evoluo global de receitas manteve-se contida ao longo do ano de 2014, atendendo que os preços médios por diária (€/dormida) revelaram alguma estabilidade ou mesmo reduo em termos nominais.

Variaoes de preços em termos reais positivos revelaram algum significado nos dados sobre turismo em espaço rural.

Explorao das unidades hoteleiras

Receitas e Despesas

Unidade: 1 000 euros

| Anos | Receitas totais | Receitas de aposentos | Despesas com pessoal |
|-------|-----------------|-----------------------|----------------------|
| 2008 | 56 266,0 | 39 639,0 | 20 206,0 |
| 2009 | 50 578,2 | 36 621,5 | 20 349,1 |
| 2010 | 50 389,2 | 36 772,9 | 18 137,0 |
| 2011 | 48 242,9 | 35 104,9 | 19 028,8 |
| 2012 | 43 445,1 | 31 821,3 | 17 143,8 |
| 2013 | 46 450,0 | 34 321,7 | 16 684,7 |
| 2014* | 46 215,6 | 34 294,1 | 17 258,7 |

* Neste ano não são incluídos dados sobre casas de hóspedes

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

A hotelaria tradicional continua a dispor de dimensão e capacidade de alojamento que atraem proporcionalmente mais hóspedes e arrecadam mais proveitos para além dos de aposento.

O turismo em espaço rural continua a revelar a capacidade de, com menos pessoal e respetivas despesas, atrair clientes de mercados mais distantes com estadias potencial e efetivamente maiores.

Dados de síntese e estruturas
Distribuição de variáveis em 2014

| Variáveis | Hotelaria Tradicional | Turismo em Espaço Rural | Total |
|-------------------------------------|-----------------------|-------------------------|-------|
| Estabelecimentos | 53,9 | 46,1 | 100 |
| Capacidade de alojamento | 92,5 | 7,5 | 100 |
| Pessoal ao serviço | 94,2 | 5,8 | 100 |
| Hóspedes | 97,3 | 2,7 | 100 |
| Dormidas (total) | 96,4 | 3,6 | 100 |
| Dormidas (resid. estrangeiro) | 95,2 | 4,8 | 100 |
| Dormidas (época baixa *) | 98,2 | 1,8 | 100 |
| Proveitos totais | 96,6 | 3,4 | 100 |
| Proveitos de aposento | 95,9 | 4,1 | 100 |
| Despesas com pessoal | 98,3 | 1,7 | 100 |

* Para efeitos de cálculo consideraram-se o 1º e o 4º trimestres.

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

11. TRANSPORTES

Em 2014, os passageiros nos transportes coletivos terrestres efetuaram 7,3 milhões de viagens nas interurbanas e 1,4 milhões nas urbanas, somando um total de 8,7 milhões.

Este total representa um decréscimo em relação ao anterior, tendo sido partilhado por ambos os segmentos dos transportes coletivos.

Comparando o número de viagens (passageiros) à extensão das mesmas viagens (passageiros-km), conclui-se que os percursos mais longos foram proporcionalmente mais reduzidos do que os efetuados entre distâncias menores.

Tráfego de Passageiros nos Transportes Coletivos Terrestres

1000 Passageiros.

| Carreiras | | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|-------------|------------------|--------|--------|--------|--------|
| Interurbana | Passageiros..... | 7 283 | 7 414 | 7 623 | 7 297 |
| | Passageiros/km.. | 82 029 | 81 468 | 85 460 | 79 838 |
| Urbana | Passageiros..... | 998 | 1 355 | 1 478 | 1 429 |
| | Passageiros/km.. | 6 143 | 8 362 | 9 082 | 8 349 |

Fonte: SREA.

O total de 1,67 milhões de movimentos de passageiros nas infraestruturas portuárias da Região Autónoma dos Açores, durante o ano de 2014, representa um crescimento de 4,2% em relação ao ano anterior.

Nos últimos anos tem correspondido aos movimentos no canal Horta-Madalena cerca de 40% do tráfego total.

Movimento de Passageiros nos Portos Comerciais

| | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|----------------------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|
| Rede de portos comerciais* | 972 298 | 916 954 | 926 868 | 968 116 |
| Canal Horta – Madalena..... | 698 546 | 661 714 | 676 966 | 712 600 |
| Total (Rede + Canal) | 1 670 844 | 1 578 668 | 1 603 834 | 1 670 716 |

* Somatório do conjunto de portos comerciais, sem incluir os movimentos no canal Horta-Madalena.

Fonte: SREA.

Nas infraestruturas aeroportuárias dos Açores registaram-se 1,8 milhões de movimentos de passageiros durante o ano de 2014, representando um crescimento à taxa média anual de 5,9%.

Este crescimento geral decorreu de forma relativamente equilibrada entre os diversos segmentos de tráfegos aéreos, situando-se todos a um nível de intensidade comparável.

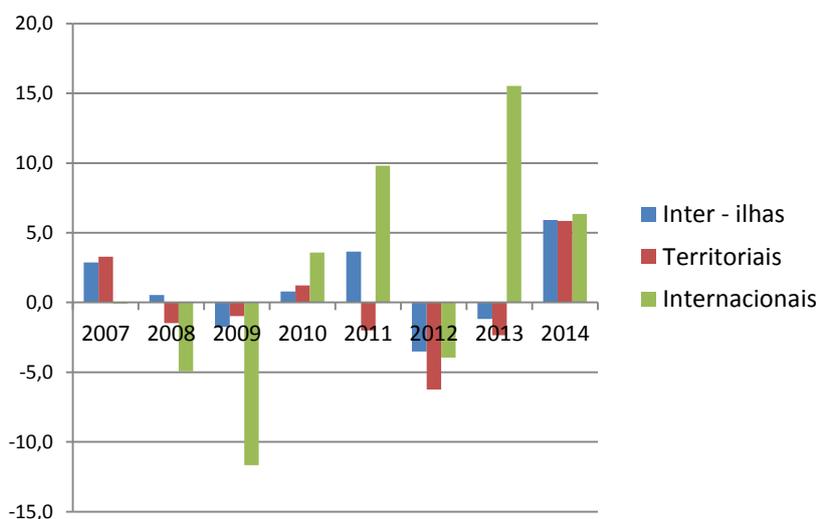
Entretanto, observando a evolução nos últimos anos constata-se que há variações de intensidade significativas.

De uma forma geral os dados parecem apontar no sentido de que: o tráfego internacional, seja pela dimensão (reduzida), seja por características próprias, revela-se comercialmente mais sensível, sendo o primeiro a variar de forma mais intensa em resposta a choques externos; o tráfego territorial parece aproximar-se mais de uma flutuação cíclica da economia; o tráfego inter-ilhas, seja por agregar distribuições de tráficos com origem/destino exteriores, seja por maior ligação funcional a estruturas socioeconómicas internas, apresenta variações médias anuais mais moderadas/equilibradas.

Movimento de Passageiros nos Aeroportos, segundo o tipo de tráfego

Passageiros Embarcados + Desembarcados

(taxa de variação, %)



O volume de 2 084,0 mil toneladas movimentadas nos portos comerciais, durante o ano de 2014, representa um decréscimo em relação ao ano anterior. Todavia, este decréscimo decorreu apenas da variação nos

carregamentos, já que os descarregamentos aumentaram, registando uma taxa média anual de +1,3%.

A quantidade 8,3 mil toneladas movimentadas nos aeroportos, durante o ano de 2014, representa um crescimento em relação anterior. Esta evolução decorre fundamentalmente dos carregamentos no tráfego territorial.

Cargas Movimentadas

| | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|--------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| Aeroportos | 9,7 | 8,6 | 7,9 | 8,3 |
| Portos | 2 846,1 | 2 317,6 | 2 168,8 | 2 084,0 |
| Total | 2 855,8 | 2 326,2 | 2 176,7 | 2 092,3 |

1000 Ton.

Fonte: SREA.

A venda de 2 410 veículos automóveis novos, durante o ano de 2014, representou um acréscimo à taxa média anual de 14,1%.

Automóveis Novos Vendidos, por Tipo e por Ano

| | 2011 | 2010 | 2013 | 2014 |
|---------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Total | 3 305 | 1 967 | 2 113 | 2 410 |
| Automóveis Ligeiros | 2 553 | 1 614 | 1 768 | 2 003 |
| Passageiros | 2 547 | 1 608 | 1 758 | 2 001 |
| Mistos | 6 | 6 | 10 | 2 |
| Automóveis Comercias..... | 752 | 353 | 345 | 407 |

Fonte: SREA, Séries Estatísticas e Boletim Trimestral de Estatística.

A distribuição das vendas ao longo dos meses de 2014 mostra a progressão em relação a anos imediatamente anteriores, tendo o ano de 2012 representado o nível mais baixo. Já em relação ao ano de 2010 pode observar-se a distância a um nível que representa o último pico de vendas.

12. EDUCA O

Os dados sobre as matrículas nas escolas da Região aut noma dos Açores, no ano letivo de 2013/2014, mostram que a procura escolar continuou na linha de tendência dos últimos anos.

Isto  , a par da redu o da procura total, continuaram a verificar-se matrículas reveladoras de op es dos alunos por cursos de currículos alternativos, preterindo o prosseguimento de estudos no âmbito do currículo regular.

Efetivamente, o total de 48 540 matrículas em 2013/2014 representa um decréscimo de cerca de setecentos alunos em rela o ao ano anterior, mas nas op es alternativas do Ensino Profissional e do Profij registaram-se acréscimos significativos, com mais de trezentos alunos em cada uma daquelas op es.

Matrículas nas Escolas da Região, por Ano de Escolaridade
Ensino Oficial e Particular

| Anos Letivos | Currículo Regular | | | | | | Currículos Alternativos | | | | TOTAL |
|--------------|-------------------|-------|-----------|-----------|-----------|------------|-------------------------|-----------------------|-------|---------------------|--------|
| | Creche | Jl | 1.  Ciclo | 2.  Ciclo | 3.  Ciclo | Secundário | Ensino Recorrente | Programa Oportunidade | PROFJ | Ensino Profissional | |
| 2010/11 | 1.242 | 7.758 | 12.591 | 6.579 | 9.221 | 6.550 | 662 | 2.086 | 1.186 | 2.572 | 50.447 |
| 2011/12 | 1.257 | 7.415 | 12.386 | 6.449 | 9.296 | 6.825 | 382 | 2.046 | 986 | 2.603 | 49.645 |
| 2012/13 | 1.319 | 7.564 | 12.456 | 6.190 | 8.939 | 6.012 | 328 | 2.498 | 1.149 | 2.780 | 49.235 |
| 2013/14 | 1.278 | 7.600 | 12.067 | 6.228 | 8.613 | 5.698 | 297 | 2.149 | 1.478 | 3.132 | 48.540 |

Fonte: Dire o Regional da Educa o.

Al s, o próprio volume total da popula o em idade escolar continua a ser atingido pelos respetivos movimentos demográficos, em particular pela natalidade decrescente a repercutir-se nos saldos fisiológicos.

Entretanto, há escalões etários que ainda registam crescimentos, no âmbito do alargamento da frequência com acesso público geral.   assim

nas situaoes de crianças com idades nos primeiros escalões etários e, principalmente, nas de jovens em anos terminais do sistema de ensino.

De facto, a populaoo escolarizada nos primeiros escalões (de 3 e 4 anos) fica aquem do respetivo total de populaoo potencialmente escolarizvel, parecendo, todavia, revelar sinais de moderaoo/estabilizaoo de crescimento nos anos letivos recentes. Já nos jovens em anos terminais do sistema de ensino tem-se mantido uma progressoo significativa, que corresponderá também  entrada em vigor da obrigatoriedade de frequentar o secundário.

Taxas de Escolarizaoo por Idades e Anos Letivos

Ensino Oficial e Particular

| IDADES | 2008/09 | 2009/10 | 2010/11 | 2011/12 | 2012/13 | 2013/14 |
|---------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| 3 anos | 59,5 | 65,7 | 64,4 | 65,6 | 68,1 | 66,8 |
| 4 anos | 86,2 | 88,5 | 88,7 | 89,2 | 91,0 | 90,2 |
| 5 anos | 97,4 | 98,6 | 97,5 | 97,2 | 100,0 | 100,0 |
| 6 anos | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| 7 anos | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| 8 anos | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| 9 anos | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| 10 anos | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| 11 anos | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| 12 anos | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| 13 anos | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| 14 anos | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 99,5 | 99,0 |
| 15 anos | 99,5 | 100,0 | 100,0 | 97,8 | 95,5 | 99,9 |
| 16 anos | 91,9 | 90,3 | 92,8 | 92,4 | 92,9 | 97,2 |
| 17 anos | 72,1 | 78,0 | 78,5 | 79,6 | 81,3 | 93,5 |
| 18 anos | 41,3 | 44,7 | 46,9 | 48,8 | 49,3 | 51,6 |
| 19 anos | 25,3 | 26,0 | 24,9 | 26,7 | 27,7 | 28,4 |

Fonte: Direoo Regional da Educaoo.

O aproveitamento escolar, medido pelo número de alunos que progridem (transitando ou concluindo definitivamente um ciclo) em relaoo aos respetivos totais de matrículas no início do ano, registou no ano letivo de 2013/14 taxas de realizaoo superiores às do ano anterior, nos casos dos níveis mais elementares e gerais de escolaridade.

Já ao nível do último ciclo (12 ano) manteve-se na ordem de grandeza dos anos anteriores, registando uma taxa de conclusão de 60,4%.

Desta forma, a característica de taxas de aproveitamento superiores nos níveis mais elementares e gerais reforçou a sua conhecida expressividade.

Aproveitamento Escolar, por Ano de Escolaridade (a)
Taxas de Transio ou de Conclusão

Ensino Oficial e Particular – Currículo Regular

| Ano de Escolaridade | 2010/11 | 2011/12 | 2012/13 | 2013/14 |
|---------------------|---------|---------|---------|---------|
| 4 | 87,0 | 81,9 | 80,8 | 86,9 |
| 6 | 87,9 | 83,6 | 80,1 | 80,6 |
| 9 | 83,3 | 77,8 | 72,1 | 76,9 |
| 12 | 60,2 | 57,7 | 60,6 | 60,4 |

a) Consideraram-se como representativos os anos terminais de cada ciclo do ensino básico e secundário.

Fonte: Direo Regional da Educao - Estatísticas da Educao.

O contexto geral de procura total do ensino a registar decréscimos tem levantado a necessidade de adequao da respetiva oferta.

 neste âmbito que se enquadra o volume total de 4 473 elementos de pessoal docente no último ano letivo, que representa um decréscimo de algumas centenas de professores em relao ao ano anterior.

A oferta de equipamentos evidenciou a sua funcionalidade mais padronizada e rígida, assinalando-se uma reduo de apenas dois estabelecimentos numa ilha.

Organicamente a oferta escola manteve as 40 unidades distribuídas territorialmente pelas ilhas, conforme os critérios de organizao e de dimensão foram orientando e institucionalizando o sistema global de ensino na Região Autónoma dos Açores.

Distribuio por ilhas

Ensino Oficial – 2013/2014

| | SMA | SMG | TER | GRA | SJO | PIC | FAI | FLO | COR | AÇORES |
|---------------------|-----|-------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|--------|
| Unidades orgânicas | 1 | 21 | 7 | 1 | 3 | 3 | 2 | 1 | 1 | 40 |
| Edifícios Escolares | 6 | 90 | 35 | 5 | 9 | 16 | 11 | 3 | 1 | 176 |
| Espaços Escolares | 77 | 1 571 | 710 | 72 | 113 | 168 | 165 | 58 | 12 | 2 946 |
| Pessoal docente | 132 | 2 634 | 898 | 72 | 170 | 261 | 216 | 72 | 18 | 4 473 |

Fonte: Direo Regional de Educao.

13. DESPORTO

As federaoes das diversas modalidades desportivas registaram a inscrioo de 23 113 atletas na época de 2013/2014, o que representa um decréscimo em relaoo  época anterior.

Também entre os elementos de enquadramento da formaoo e desempenho desportivo se registaram reduoes no mesmo período. Efetivamente, os números de técnicos das equipas e de árbitros para os jogos revelam reduoes significativas, sendo, aliás, proporcionalmente mais intensas do que as do número de atletas.

Os dados mais relacionados com as próprias estruturas associativas e agremiaoes desportivas revelam maior estabilidade, verificando-se mesmo que o total de 1 800 dirigentes e outros agentes incorpora um reforço dos elementos disponíveis na época anterior.

Evoluoo Desportiva

| | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|------------------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Atletas | 21 844 | 23 261 | 23 802 | 23 619 | 23 112 |
| Técnicos | 1 078 | 1 124 | 1 116 | 1 065 | 979 |
| rbitros / Juízes..... | 1 067 | 1 049 | 1 028 | 1 043 | 918 |
| Dirigentes / Outros Agentes..... | 1 529 | 1 731 | 1 816 | 1 778 | 1 800 |
| Clubes / Entidades (a)..... | 383 | 404 | 462 | 396 | 394 |
| Equipas / Grupos Praticantes | 1 229 | 1 184 | 1 226 | 1 243 | 1 221 |

a) Somatório obtido a partir das diversas modalidades implica dupla contagem, já que há algumas modalidades praticadas num mesmo clube.

Fonte: Direoo Regional do Desporto.

Apesar do decréscimo no número total de atletas, algumas modalidades conseguiram atrair mais praticantes.

É o caso do ciclismo que, mantendo níveis de recursos aparentemente idênticos, em termos de enquadramento das práticas desportivas e de desenvolvimento de atividades em geral, atingiu um total de 456 praticantes em 2014, resultante de uma sucessão de progressoes anuais, pelo menos desde 2007, quando o total de inscritos era de apenas 42 elementos.

De resto, pela representatividade atingida em relaoo ao volume total de atletas, continuam a destacar-se as modalidades de futebol (21,0%), voleibol (11,2%), futsal (10,3%), basquetebol (7,0%) e atletismo (6,7%).

Indicadores – Época de 2014

| Modalidades | Atletas | Técnicos | Árbitros/ Juizes | Dirigentes / outros agentes | Clubes/ Enti- dades a) | Equipas/ Grupos Prati- cantes | Nº jogos/ provas locais | Nº Part. provas regionais | Nº Part. provas na- cionais | Dura- ção da Época | Conc. |
|---------------------------|---------------|------------|---------------------|-----------------------------------|---------------------------------|--|-------------------------------|---------------------------------|--------------------------------------|--------------------------|-------|
| Andebol | 879 | 35 | 33 | 29 | 9 | 42 | 330 | 310 | 108 | 6 | 7 |
| Atletismo | 1.548 | 38 | 136 | 45 | 31 | 69 | 787 | 319 | 168 | 8 | 12 |
| Automobilismo | 297 | 0 | 0 | 0 | 4 | 31 | 0 | 6 | 0 | 7 | 4 |
| Badminton | 382 | 12 | 7 | 11 | 9 | 24 | 154 | 77 | 18 | 7 | 5 |
| Basquetebol | 1.629 | 69 | 101 | 63 | 20 | 113 | 641 | 375 | 270 | 8 | 8 |
| Bowling | 126 | 3 | 0 | 11 | 1 | 11 | 12 | 8 | 2 | 5 | 1 |
| Bridge | 23 | 3 | 3 | 5 | 1 | 2 | 60 | 0 | 6 | 11 | 1 |
| Canoagem | 148 | 8 | 0 | 11 | 6 | 3 | 140 | 49 | 3 | 5 | 5 |
| Ciclismo | 456 | 21 | 19 | 79 | 17 | 18 | 374 | 91 | 23 | 10 | 4 |
| Columbofilia | 25 | 0 | 0 | 9 | 1 | 1 | 0 | 15 | 0 | 5 | 1 |
| Dança Desportiva | 104 | 8 | 4 | 0 | 4 | 1 | 55 | 0 | 38 | 8 | 1 |
| Equitação | 150 | 12 | 9 | 1 | 4 | 1 | 30 | 18 | 13 | 4 | 4 |
| Esgrima | 36 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 60 | 31 | 0 | 1 |
| Futebol de 11 | 4.850 | 234 | 132 | 846 | 57 | 232 | 2.819 | 525 | 300 | 9 | 17 |
| Futsal | 2.386 | 115 | 81 | 344 | 52 | 164 | 1.832 | 330 | 300 | 9 | 17 |
| Ginástica Aeróbica | 146 | 4 | 14 | 2 | 3 | 7 | 64 | 149 | 110 | 6 | 4 |
| Ginástica Rítmica | 75 | 3 | 4 | 6 | 2 | 4 | 52 | 26 | 19 | 6 | 4 |
| Golfe | 491 | 5 | 1 | 17 | 2 | 41 | 153 | 337 | 66 | 11 | 2 |
| Hóquei em Patins | 241 | 27 | 23 | 32 | 5 | 19 | 162 | 153 | 72 | 6 | 6 |
| Jet ski | 57 | 3 | 0 | 1 | 3 | 1 | 36 | 70 | 4 | 6 | 3 |
| Judo | 1.081 | 35 | 64 | 46 | 14 | 61 | 170 | 306 | 199 | 5 | 7 |
| Karaté | 953 | 35 | 13 | 4 | 21 | 19 | 391 | 206 | 88 | 9 | 14 |
| Kickboxing/Full-Contact | 350 | 15 | 7 | 12 | 8 | 15 | 40 | 127 | 35 | 1 | 4 |
| Motociclismo | 49 | 0 | 0 | 2 | 3 | 2 | 0 | 8 | 7 | 5 | 3 |
| Natação | 651 | 28 | 41 | 9 | 9 | 33 | 255 | 359 | 77 | 9 | 6 |
| Parapente | 28 | 3 | 0 | 0 | 2 | 2 | b) | | | | 2 |
| Patinagem Artística | 270 | 13 | 24 | 11 | 7 | 13 | 39 | 79 | 36 | 6 | 6 |
| Patinagem Velocidade | 519 | 19 | 37 | 15 | 7 | 7 | 118 | 59 | 22 | 6 | 6 |
| Pesca Desportiva | 38 | 0 | 0 | 0 | 3 | 2 | b) | | | | 2 |
| Pesca Desportiva Alto Mar | c) | | | | | | | | | | |
| Surf | 71 | 3 | 6 | 9 | 4 | 1 | b) | | | | 3 |
| Ténis | 677 | 16 | 7 | 20 | 9 | 50 | 62 | 165 | 127 | 6 | 7 |
| Ténis de Mesa | 900 | 45 | 33 | 20 | 20 | 50 | 759 | 88 | 253 | 7 | 10 |
| Tiro com Armas de Caça | 71 | 0 | 0 | 0 | 5 | 4 | 69 | 44 | 3 | 10 | 5 |
| Tiro de Precisão | 197 | 7 | 18 | 37 | 4 | 15 | 171 | 104 | 53 | 10 | 4 |
| Tiro com Arco | 12 | 2 | 3 | 11 | 1 | 0 | 63 | 0 | 27 | 8 | 1 |
| Vela | 351 | 22 | 11 | 0 | 12 | 12 | 42 | 263 | 46 | 5 | 12 |
| Voleibol | 2.590 | 122 | 81 | 79 | 28 | 147 | 2.075 | 794 | 296 | 7 | 14 |
| Xadrez | 255 | 13 | 6 | 13 | 15 | 4 | 18 | 147 | 58 | 6 | 6 |
| TOTAL | 23.112 | 979 | 918 | 1.800 | | 1.221 | 11.973 | 5.667 | 2.878 | | |

- a) O total não corresponde ao somatório da coluna mas sim ao total de clubes existentes, já que muitos desenvolvem mais de uma modalidade.
- b) As Associações (ou Clubes) das modalidades em causa não têm obrigatoriedade de nos enviar o registo da atividade local, regional ou nacional por serem modalidades em fase de estruturação.
- c) No ano 2014 a modalidade não federou atletas e agentes desportivos não praticantes uma vez que a competição anual não se realizou.

Fonte: Direção Regional do Desporto.

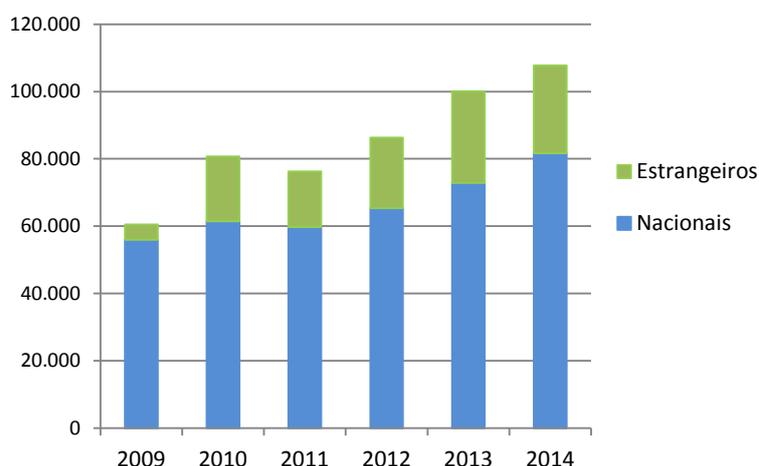
14. CULTURA

A rede regional dos museus da Região Autónoma dos Açores foi objeto de procura por parte de 107,8 milhares de visitantes durante o ano de 2014, o que incorpora um crescimento médio de 7,7% em relao ao ano anterior. Este crescimento decorreu fundamentalmente da evoluo por parte de visitantes nacionais que, além de partirem de uma representatividade estruturalmente dominante, também revelaram uma intensidade maior.

Decompondo o volume global de visitas segundo modalidades de entradas e diversos tipos de públicos, continuou a verificar-se que as realizadas com finalidade de extensão cultural e de estudo se destacam no conjunto das isentas de pagamento.

No outro conjunto de entradas, o de entradas pagas, para além das do regime designado de normal, evidenciam-se as organizadas em grupos e as de reformados com regimes tarifários próprios.

Visitantes aos Museus,
Segundo a nacionalidade



As bibliotecas públicas e arquivos regionais atenderam cerca de 113 milhares de pedidos de consulta por parte de utilizadores que, por sua vez, solicitaram cerca de 98 milhares de documentos.

Sendo assim, deduz-se que cerca de 5 milhares de pedidos se destinam a nova consulta ou leitura por parte de um mesmo utilizador. Este padrão distinguiu-se do observado no ano anterior, mas encontra paralelos em fase anteriores.

Bibliotecas e arquivos Públicos Regionais - 2014

Utilizadores e documentos consultados

| Organismo | Utilizadores | Documentos |
|---|----------------|---------------|
| Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo..... | 32 947 | 32 140 |
| Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada..... | 53 110 | 47 950 |
| Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça – Horta..... | 26 465 | 17 485 |
| Total | 112 522 | 97 575 |

Fonte: DRC

No contexto dos últimos anos, o de 2014 destaca-se pelos acréscimos nos números de agremiações e grupos culturais com finalidades de execução musical (filarmónicas) de dança (folclore) e representação cénica (teatro).

Se o total de 102 filarmónicas representa uma variação localizada de mais duas bandas em atividade, já os 65 grupos no folclore representam um acréscimo de mais sete grupos com distribuição mais difusa.

Agremiações e Grupos Culturais

| | SMA | SMG | TER | GRA | SJO | PIC | FAI | FLO | COR | Total |
|--------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-------|
| Filarmónicas | 1 | 36 | 24 | 4 | 14 | 13 | 8 | 1 | 1 | 102 |
| Grupos de Folclore | 2 | 25 | 19 | 1 | 2 | 9 | 6 | 1 | 0 | 65 |
| Grupos de Teatro | 0 | 10 | 15 | 1 | 0 | 2 | 2 | 1 | 0 | 31 |

Fonte: DRC

15. SAÚDE

Durante o ano de 2014, nas aoes de vacinao executadas nos centros de saúde da rede regional açoriana, visando a promoo de condioes de saúde pública e a preveno de eventuais focos de epidemias, registaram-se 49,5 milhares de inoculaoes.

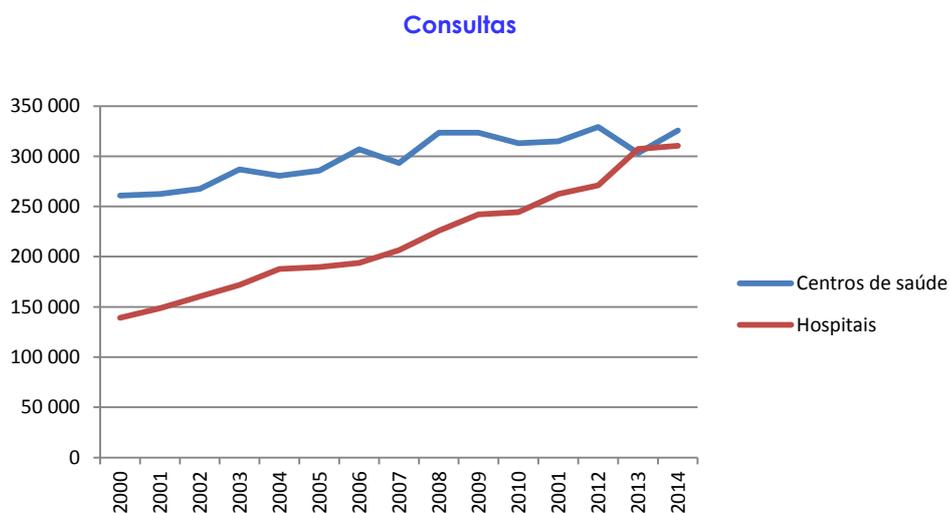
Este volume total foi inferior ao do ano anterior e decresceu na generalidade das ilhas, excecionando-se em 5 dos 19 concelhos açorianos.

Os serviços para atendimento exterior nos centros de saúde e nos hospitais realizaram 641,8 milhares de consultas e 331,4 milhares de urgências durante o ano de 2014.

O total de urgências decresceu à taxa média anual de 2,9%, decorrendo fundamentalmente de ocorrências nos centros de saúde. Por outro lado, os mesmos centros de saúde no mesmo período, registaram o acréscimo mais significativo de consultas a nível regional, isto é, incluindo também as consultas realizadas nos hospitais.

Sendo assim, uma evoluo anual com estas características indiciará uma capacidade disponível acrescida em termos de prestao de serviços de consultas nos centros de saúde.

Entretanto, é para os serviços hospitalares que o histórico de evoluo tendencial, num prazo mais longo, revela uma progressão mais expressiva do volume de consultas realizadas.



Nos serviços para internamento nos hospitais e centros de saúde registou-se durante o ano de 2014 um total de 27,9 milhares de doentes que permaneceram 191,3 dias. Estes números representam decréscimos em relação ao ano anterior de -4,6% e -3,5%, respetivamente.

A intensidade e, principalmente, o sentido destas variações repercutiram-se em utilizações de equipamentos mais reduzidas, podendo traduzir-se num indicador de ocupação (dias de utilização versus respetiva capacidade) de cerca de 54%, que corresponde ao valor mais baixo nos últimos anos.

Já o indicador de demora média correspondeu a 6,9 dias por doente.

Internamento

| | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Doentes..... | 29 305 | 29 072 | 29 309 | 28 682 | 29 225 | 27 889 |
| Dias | 211 922 | 206 874 | 206 293 | 201 916 | 198 153 | 191 303 |
| Lotação..... | 996 | 983 | 987 | 994 | 975 | 964 |
| Demora média (dias)... | 7,2 | 7,1 | 7,0 | 7,0 | 6,8 | 6,9 |
| Taxa de ocupação (%). | 58,3 | 57,7 | 57,3 | 55,7 | 55,7 | 54,4 |

Fonte: Direção Regional de Saúde.

Os meios complementares (de diagnóstico e de terapêutica) dos atos médicos atingiram 4,7 milhões de unidades durante o ano de 2014. Este volume total incorpora crescimentos de 0,3% e de 14,4%, respetivamente, nas componentes de diagnóstico e de terapêutica.

Esta evolução anual aproxima-se em termos qualitativos do padrão de crescimento que se vem observando nos últimos anos, isto é, há um alargamento mais significativo dos meios de terapêutica enquanto os meios de diagnóstico se integram aparentemente numa linha de crescimento de maior moderação ou mesmo de desaceleração.

Meios Complementares

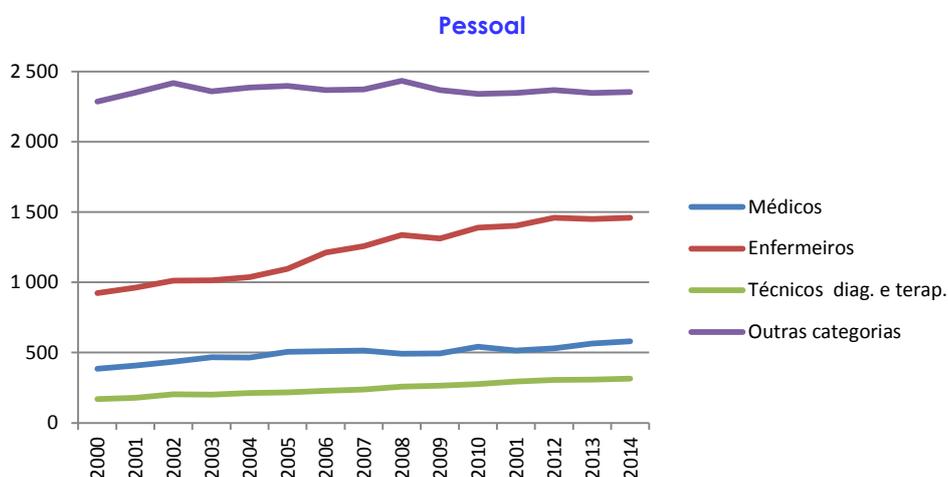
| | 2009* | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|-----------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Diagnóstico ... | 3 490 480 | 3 771 200 | 3 966 681 | 3 711 937 | 3 762 416 | 3 773 193 |
| Terapêutica .. | 547 768 | 589 672 | 802 399 | 897 054 | 791 096 | 904 648 |
| Total | 4 038 248 | 4 389 513 | 4 796 970 | 4 642 822 | 4 582 633 | 4 677 841 |

*Foram retificados os dados de terapêutica.
Fonte: Direção Regional de Saúde.

O pessoal afeto aos serviços do sistema regional de saúde totalizava 4 708 profissionais no ano de 2014, representando um crescimento à taxa média de 0,8% em relação ao ano anterior.

O crescimento foi mais elevado nas categorias de médicos e de técnicos de diagnóstico e de terapêutica, respetivamente, às taxas de 2,7% e 2,3%.

Entretanto, em termos do alargamento dos níveis de qualificação dos recursos humanos ao serviço nas estruturas de saúde que se tem vindo a observar ao longo dos últimos anos, a categoria de enfermeiros evidencia uma dinâmica mais expressiva.



Depois da apresentação de elementos sobre aspetos e forma de medicina a variarem entre características de atos de prevenção e de especialização, prossegue-se agora com a perspetiva das respetivas distribuições entre as diversas ilhas, através de alguns dados considerados mais representativos.

No âmbito mais preventivo, se os dados sobre profilaxia podem ser mais condicionados por aspetos de saúde pública específicos e conjunturais, já os dados sobre oferta de serviços de saúde gerais serão mais condicionados pelas estruturas dos próprios centros de saúde, nomeadamente quanto à inclusão, ou não, de condições de internamento e respetivas valências complementares.

No âmbito de maior especialização entre os dados apresentados, os de recursos humanos, leia-se número de médicos, evidenciam a importância dos três hospitais regionais no contexto do arquipélago.

Distribuição por ilhas 2014

| | SMA | SMG | TER | GRA | SJO | PIC | FAI | FLO | COR | Total |
|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|--------------|
| Profilaxia | 1 100 | 29 514 | 10 222 | 675 | 1 746 | 2 955 | 2 638 | 608 | 83 | 49 541 |
| Consultas | 17 708 | 336 444 | 148 908 | 14 605 | 12 7y85 | 23 319 | 74 975 | 11 267 | 1 811 | 641 772 |
| Doentes | 536 | 15 957 | 6 212 | 309 | 722 | 703 | 3 217 | 233 | 0 | 27 889 |
| Lotação | 18 | 446 | 221 | 16 | 53 | 65 | 108 | 17 | 0 | 964 |
| Diagnósticos | 76 334 | 1 966 986 | 963 287 | 83 603 | 83 394 | 186 421 | 367 808 | 44 614 | 746 | 3 773 193 |
| Médicos | 5 | 325 | 163 | 3 | 5 | 18 | 57 | 3 | 1 | 580 |

Fonte: Direção Regional de Saúde

16. SEGURANÇA SOCIAL

Durante o ano de 2014, as receitas da Segurança Social atingiram o volume de 228,7 milhões de euros que, face ao total de despesas de 218,0 milhões de euros no mesmo ano, conduziram ao apuramento de um saldo global de 10,6 milhões de euros.

Este saldo foi nominalmente inferior ao do ano anterior por efeito de despesas mais dirigidas para a ação social e, principalmente, de despesas gerais de administração e outras.

O contributo anual dos regimes contributivos foi moderado mas positivo, resultando, simultaneamente, de um acréscimo de contribuições e de uma redução nas prestações pagas.

O acréscimo de contribuições à taxa média anual de 1,3% traduziu-se num total de 211,3 milhões de euros em 2014.

Receitas e Despesas Correntes

1 000 Euros

| | 2012 | 2013 | 2014 |
|-----------------------------------|---------|---------|---------|
| Receitas..... | 217 037 | 225 725 | 228 707 |
| Contribuições..... | 196 903 | 208 558 | 211 306 |
| Rendimentos | 2 220 | 1 356 | 1 428 |
| Outras..... | 17 914 | 15 811 | 15 973 |
| Despesas | 206 189 | 210 453 | 218 031 |
| Prestações dos regimes* | 118 770 | 119 019 | 118 218 |
| Ação Social..... | 60 747 | 63 412 | 64 013 |
| Administração e outras | 26 672 | 28 022 | 35 800 |
| Saldo (Receitas – Despesas) | 10 848 | 15 272 | 10 676 |
| Saldo (Contrib. –Prestaç.) | 78 133 | 89 539 | 93 089 |

* Conforme nova Lei de Bases.

Fonte: CGFSS.

Por outro lado, as despesas com as prestações dos regimes durante o mesmo ano de 2014, no total de 118,2 milhões de euros, representam um decréscimo à taxa média de -0,7%. Esta variação anual ficou a dever-se a

reduo em despesas de desemprego (regime geral) e do rendimento social de insero, já que noutras rubricas também significativas se registaram alguns acréscimos de encargos.

Despesas – Prestaoes dos Regimes

1 000 Euros

| | 2012 | 2013 | 2014 |
|--|----------------|----------------|----------------|
| Rendimento Social de Insero | 17 702 | 17 316 | 16 694 |
| Subsídio Social de Desemprego/provisório/majoraoo . | 8 198 | 9 000 | 9 650 |
| COMPAMID * | 1 557 | 1 138 | 762 |
| Regime Não Contributivo | 2 382 | 2 081 | 1 691 |
| Regime Transitório dos Rurais | 0 | 0 | 0 |
| Regime Especial de Seg. Social das Ati. Agrícolas | 1 057 | 971 | 884 |
| Subsídio Social na Maternidade..... | 1 191 | 1 192 | 1 158 |
| Proteoo Familiar | 25 227 | 25 235 | 26 929 |
| Prestaoes Sociais..... | 3 258 | 2 004 | 2 169 |
| Repartoo - Regime Geral (Desemprego) | 57 717 | 59 633 | 58 064 |
| Políticas Ativas de Emprego e Formaoo Profissional | 481 | 449 | 216 |
| TOTAL | 118 770 | 119 019 | 118 218 |

* Complemento para aquisoo de medicamentos pelos idosos (DLR n4/2008/A, de 26 de Fevereiro).

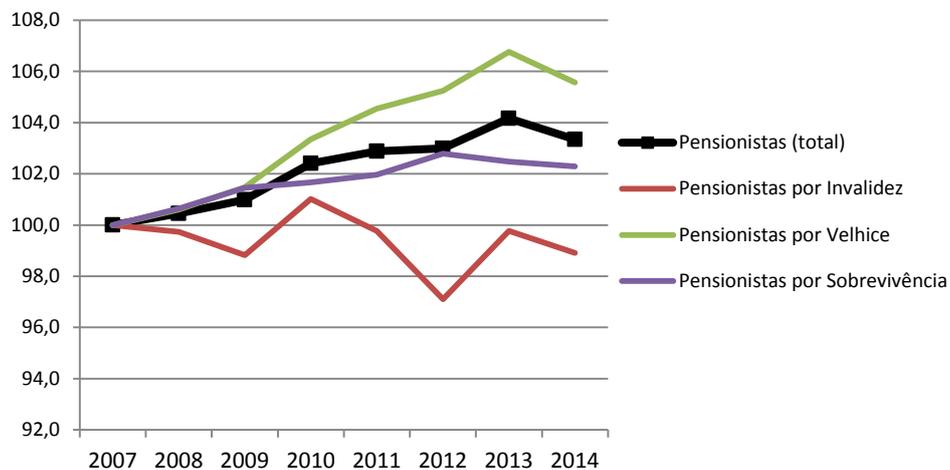
Fonte: CGFSS.

No que respeita ao número de pensionistas registados no sistema de Segurança social, o ano de 2014 ficou marcado pelo seu decréscimo. De facto, depois de uma série de anos com acréscimos sucessivos, o total de 49,5 milhares de pensionistas, em 2014, representa um decréscimo de 0,8% em relaoo ano anterior.

Esta variaoo abrangeu as diversas categorias de pensionistas, mas foi mais expressiva no dos pensionistas por velhice, pelo volume e pela intensidade. Atendendo a estas características, a variaoo deste grupo seria suficiente para, por si própria, determinar o sentido de variaoo total.

Pensionistas da Segurança Social

(Índice base 2007)



A soma total de despesas de ação social de 64,0 milhões de euros, no ano de 2014, representa um acréscimo nominal de 0,9% em relação ao ano anterior.

Perante este nível moderado de crescimento na despesa total, o acréscimo mais intenso de despesas na rubrica de infância e juventude foi possível pela contrapartida de redução de despesas na rubrica de família e comunidade.

Despesas – Ação Social

1 000 Euros

| | 2012 | 2013 | 2014 |
|--------------------------------|--------|--------|--------|
| Infância e Juventude..... | 28 867 | 28 563 | 30 314 |
| Família e Comunidade | 15 031 | 17 272 | 15 045 |
| Invalidez e Reabilitação | 4 669 | 4 729 | 5 514 |
| Terceira Idade | 12 180 | 12 848 | 13 141 |
| Total..... | 60 747 | 63 412 | 64 014 |

Fonte: CGFSS.

17. SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Segundo o Inquérito à Utilização de Tecnologias de Informação e da Comunicação pelas Famílias (IUTICF), os indicadores elaborados pelo INE baseiam-se numa amostra dimensionada e estratificada por NUTS II, de forma a produzir estimativas representativas para Portugal e para as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira.

Os resultados para a Região Autónoma dos Açores, no ano de 2014, estimam que 71,5% dos agregados familiares possuem computador, havendo 70% com ligação à Internet, concretizada de forma expressiva através de banda larga.

Já o uso dos computadores e das ligações à Internet, naquele mesmo ano, correspondiam a taxas de utilização pelos agregados familiares de 68% e de 67%, respetivamente.

Considerando os dados segundo a sua evolução, é possível observar uma aproximação significativa dos níveis de utilização aos de posse e acesso a tecnologias de informação e comunicação. Mais concretamente, nos últimos anos tem-se intensificado a utilização, face aos anos anteriores mais centrados na aquisição das próprias tecnologias.

Evolução de Tecnologias de Informação e de Comunicação nos Agregados Domésticos - RAA

Unidade: %

| | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Posse de computador..... | 50,0 | 51,6 | 56,0 | 61,2 | 64,8 | 67,3 | 67,5 | 71,5 |
| Ligação à Internet | 39,9 | 41,1 | 46,7 | 54,0 | 59,6 | 64,1 | 66,3 | 70,0 |
| Banda Larga | 32,5 | 38,7 | 45,5 | 51,1 | 59,2 | 63,5 | 66,1 | 69,0 |
| Utilização de computador.. | 37,4 | 39,9 | 42,7 | 48,7 | 52,4 | 60,6 | 64,4 | 68,0 |
| Utilização de Internet | 30,5 | 35,5 | 36,8 | 44,6 | 50,3 | 58,5 | 63,1 | 67,0 |

Fonte: INE. / SREA

No contexto das regiões portuguesas, os indicadores para a RAA têm confirmado a sua participação num processo geral de difusão de tecnologias de informação.

Als, os dados mais recentes referentes a 2014, mostram um posicionamento significativo em termos médios, seja desde logo na acessibilidade (posse de computador e ligao à internet), seja também nas correspondentes utilizaes efetivas.

**Distribuio por Regiões, em 2014, de TICs
nos Agregados Domésticos**

Unidade: %

| | Posse de computador | Ligao à Internet | Banda Larga | Utilizao de computador | Utilizao de Internet |
|---------------------|---------------------|-------------------|-------------|-------------------------|-----------------------|
| Portugal..... | 68,0 | 65,0 | 63,0 | 66,0 | 65,0 |
| Norte..... | 67,0 | 63,0 | 61,0 | 60,0 | 59,0 |
| Centro | 63,3 | 59,0 | 57,0 | 62,0 | 60,0 |
| Lisboa | 74,4 | 73,0 | 72,0 | 77,0 | 76,0 |
| Alentejo..... | 57,4 | 54,0 | 53,0 | 61,0 | 60,0 |
| Algarve | 68,2 | 65,0 | 64,0 | 70,0 | 69,0 |
| R. A. Açores..... | 71,5 | 70,0 | 69,0 | 68,0 | 67,0 |
| R. A. Madeira | 69,9 | 67,0 | 67,0 | 64,0 | 63,0 |

Fonte: INE.

Também no contexto das regiões portuguesas, mas em termos de utilizao pelos indivíduos entre os 16 e os 74 anos, estima-se que 68% utilizam computador, 67% acedem à Internet e 20% fazem operaes de comércio eletrnico.

**Distribuio por Regiões, em 2014, de TICs
pelas Pessoas entre 16 e 74 anos**

Unidade: %

| | Computador | Internet | Comércio eletrnico |
|---------------------|------------|----------|---------------------|
| Portugal..... | 66 | 65 | 17 |
| Continente | 60 | 59 | 14 |
| Norte | 62 | 60 | 15 |
| Centro..... | 77 | 76 | 22 |
| Lisboa | 61 | 60 | 17 |
| Alentejo | 70 | 69 | 18 |
| Algarve | 68 | 67 | 20 |
| R. A. Açores..... | 64 | 63 | 19 |
| R. A. Madeira | 66 | 65 | 17 |

Fonte: INE.